Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde – PGPDS

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB

A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DO ALUNO COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

Marinalva José Ferreira Cardoso

Orientadora: Prof.ª Dra. Mirian Barbosa Tavares Raposo

BRASÍLIA/2011

MARINALVA JOSÉ FERREIRA CARDOSO

A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DO ALUNO COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil.

Orientador (a): Prof.ª Dra. Mírian Barbosa Tavares Raposo

BRASÍLIA/2011

TERMO DE APROVAÇÃO

Marinalva José Ferreira Cardoso

A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DO ALUNO COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 16 de abril de 2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

_____

Prof.ª Dra. Mírian Barbosa Tavares Raposo (Orientadora)

_____

Geane de Jesus Silva **(**Examinadora)

BRASÍLIA/2011

Dedico à Deus, fonte de toda minha força, empenho, confiança e amparo nos momentos difíceis.

À minha mãe (*in memoriam*), exemplo de vida, fé e alegria.

AGRADECIMENTOS

A vida é feita de passos. Percorrer pelos transtornos do caminho só é possível por meio da compreensão e do apoio daqueles que nos cercam. Pelo meu caminhar, muitos são os que colaboram comigo. À estes, meus eternos agradecimentos.

Pelo impulso primordial, à minha vice-diretora e amiga Sílvia Nogueira.

Pela dedicação, à professora Diva Albuquerque.

Pela colaboração e paciência, à minha orientadora Mírian Raposo.

Pelas oportunidades de trocas de ideias e ideais, aos tutores e colegas que me guiaram.

Por fazerem parte na minha vida, aos meus filhos Maria Luisa e Carlos Júnior.

Pelo grande empenho nos trabalhos de casa, à minha secretaria do lar Marta.

Pelo incentivo eterno, ao meu marido Carlos Alberto.

À Carolina, que se dispôs a colaborar com dedicação e espontaneidade a história particular e familiar, pela enorme confiança em meu trabalho.

Pelos momentos de descontração e atenção, à minha amiga Isleide.

À Natan, por ser outra vez personagem marcante de mais uma etapa da minha história de vida profissional.

Sonho domado

Sei que é preciso sonhar.
Campo sem orvalho, seca
A fronte de quem não sonha.
Quem não sonha o azul do vôo
perde seu poder de pássaro.
A realidade da relva
cresce em sonho no sereno
para não ser relva apenas,
mas a relva que se sonha.
Não vinga o sonho da folha
se não crescer incrustado
no sonho que se fez árvore.

Sonhar, mas sem deixar nunca
que o sol do sonho te arraste
pelas campinas do vento.
É sonhar, mas cavalgando
o sonho e inventando o chão
para o sonho florescer.

Thiago de Mello

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo entender como deve acontecer a participação da família no processo de escolarização do filho com Necessidades Educativas Especiais. Para tanto, realizou-se revisão de literatura a respeito do tema, conforme a exposição de questões relacionadas à inclusão escolar e à participação da família em tal processo de inclusão. A partir daí, desenvolveu-se um estudo empírico em uma escola da rede pública do Distrito Federal, utilizando-se como instrumento principal uma entrevista aberta com mãe de aluno portador das necessidades analisadas. A partir daí, foi possível acessar o ideal de escola da partícipe, o relato de sua participação no processo de aprendizagem do filho, a parceria da escola com sua família, além de outros fatores que envolvem o processo de participação da família na instituição escolar. A análise das informações adquiridas conduziu a quatro categorias de análise, quais sejam: família, participação, inclusão e papel da escola.

Palavras-chaves: Família. Escolarização. Necessidades Educativas Especiais.

ABSTRACT

This study aimed to understand how things should happen to family participation in the process of schooling the child with Special Educational Needs. To this end, we carried out a literature review on the subject, as the exposure of issues related to school inclusion and family participation in this process of inclusion. From there, we developed an empirical study in a public school in the Federal District, using as a main instrument open interview with the mother of a student with the needs analysis. From there, it was possible to access the school's ideal of a participant, the account of his participation in the learning process of the child, the school's partnership with his family, and other factors involving the process of family participation in school. The analysis of information acquired has led to four categories of analysis, namely: family, participation, inclusion and school paper.

Keywords: Family. Schooling. Special Educational Needs.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANEE	-	Alunos com Necessidades Educativas Especiais
Art.	-	Artigo
CF	-	Constituição Federal
DF	-	Distrito Federal
DI	-	Deficiência Intelectual
DM	-	Deficiência Motora
DVD	-	*Digital Versatile Disc*
ECA	-	Estatuto da Criança e do Adolescente
Inc.	-	Inciso
INEP	-	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira
LDB	-	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	-	Ministério da Educação
NEE	-	Necessidades Educativas Especiais
ONU	-	Organização das Nações Unidas
PNE	-	Plano Nacional de Educação (PNE
PPP	-	Projeto Político-Pedagógico
PS	-	Pré Silábico
SAEB	-	Sistema Nacional de Avaliação de Educação Básica
SEE/DF	-	Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
SP	-	São Paulo
TDAH	-	Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade
TV	-	Televisão

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 11
1 A FAMÍLIA E O ATENDIMENTO AOS ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS 16
1.1 Inclusão no ensino regular 16
1.1.1 A escola e seu papel no desenvolvimento dos Alunos com Necessidades Educativas Especiais 17
1.1.2 Sujeitos que interferem na inclusão escolar 19
1.2 A família na inclusão escolar 21
1.2.1 A família do Aluno com Necessidades Educativas Especiais no contexto escolar 23
1.2.2 Como a família vê a escolar 25
1.2.3 O que a família solicita da escola? 26
1.2.4 O que a escola pode oferecer à família? 27
1.22.5 A participação da família na inclusão escolar 28
2 OBJETIVOS 31
2.1 Objetivo geral 31
2.2 Objetivos específicos 31
3 METODOLOGIA 32
3.1 Contexto de pesquisa 33
3.2 Participantes 36
3.3 Instrumento de construção de pesquisa 37
3.4 Estratégia para análise das informações 38
4 RESULTADOS 40
5 DISCUSSÃO TEÓRICA 44
5.1 Inclusão 44
5.22 Papel da escola 45
5.3 Família 46
5.4 Participação 48
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 50
REFERÊNCIAS 52
APÊNDICES 55
APÊNDICE A 56
APÊNDICE B 58

APÊNDICE C 65

APRESENTAÇÃO

A inclusão escolar é fato real nas salas de aulas brasileiras e, nas duas últimas décadas, tem sido alvo de preocupação por parte das políticas públicas, de órgãos ligados à educação e dos educadores, na busca pelos direitos dos Alunos com Necessidades Educativas Especiais (ANEE), através da promoção de programas e estratégias legais que garantam a inclusão. A escola inclusiva se depara com uma nova realidade e procura encontrar mecanismos para lidar com as questões da aprendizagem e do desenvolvimento dos ANEE.

A inclusão de pessoas com necessidades especiais nas escolas regulares surgiu após a Declaração de Salamanca (BRASIL, 1994). Para Miranda (1999, p. 44), foi na efervescência do momento pós-impacto do referido documento que se iniciaram debates brasileiros e internacionais que discutiam os direitos das pessoas com necessidades especiais, bem como as formas de exercer e garantir tais direitos. Notadamente, entre os anos de 1996 a 1999, pensamentos sobre a questão da inclusão se explicitaram por meio de artigos publicados e eventos para discussão do referido tema que, consequentemente, ampliaram o entendimento dos profissionais da educação quanto ao trabalho a ser realizado com os ANEE.

Ao mesmo tempo em que ocorria a efervescência acima destacada, alunos com necessidades especiais eram inseridos nas escolas "regulares", deparando-se com professores totalmente despreparados para lidar com tal questão. Incluo-me em tal contexto, pois desde o ano de 1997, tenho trabalhado com turmas de inclusão, o que tem representado um grande desafio, além do sentimento de insegurança em relação à maneira adequada de como promover-lhes a aprendizagem e de como possibilitar-lhes a inserção social, principalmente no que tange à aceitação e à compreensão dos demais colegas em relação às diferenças existentes.

Desde então, trabalhei em escola pública do Distrito Federal (DF) com alunos portadores de Síndrome de Dowm, Deficiência Motora (DM), Deficiência Intelectual Leve e Transtorno Geral do Desenvolvimento, todos com limitações na aprendizagem. Convivi ainda com alunos portadores de Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), cujo desafio era o de compreender os diferentes ritmos identificados e elaborar atividades adequadas a cada um deles. Mas, ao mesmo tempo, observei que demonstravam desenvolvimento das habilidades e competências pretendidas para a série/ano que cursavam.

No ano de 2010, lecionei para o terceiro ano do Ensino Fundamental, faixa etária de 9 anos. A turma era composta de 17 alunos. Destes, um era portador de TDAH e outros 2 eram portadores de Deficiência Intelectual (DI). O aluno "A", portador de DI, com 13 anos de idade, era residente de instituição sob o cuidado de mãe social; estava presente na escola desde o mês de maio de 2009, quando iniciou o processo de alfabetização. Sua aprendizagem era lenta, possuindo leitura decodificada. O mesmo demonstrava grande interesse em tal questão, mas apresentava dificuldades na compreensão das leituras realizadas; efetuava pequenas contas de adição e subtração sem reagrupamento, mas não conseguia interpretar problemas simples; demonstrava dificuldades no relacionamento com colegas e professores, apresentando comportamentos agressivos quando se sentia ameaçado e em situações de jogos pedagógicos realizados na sala de aula. Ao mesmo tempo, "A" demonstrava atitudes de carinho e preocupação com seus pares por meio de seus abraços constantes, expressando a necessidade de se sentir acolhido.

A aluna "L", portadora de DI, de 9 anos de idade, residia com mãe e padrasto; tinha um irmão com cerca de 2 a 3 anos de idade. "L" chegou à escola no início do segundo semestre de 2009, sem reconhecer nenhuma letra do alfabeto e, ao final de 2010, relacionava o som às letras correspondentes, encontrando-se no estágio Pré Silábico 2 (PS 2), segundo o teste da psicogênese de Emília Ferreiro (2000), mas não realizava tal correspondência na construção silábica: escrevia apenas seu pré nome, demonstrava grande interesse em fazer as atividades como os demais alunos; foi perceptível que esta "fazia de conta" que estava copiando do quadro, mas sua grafia não passava de garatujas. "L" já reconhecia numerais; especificamente, até o número 10, mas demonstrava não compreender a relação número-quantidade. Era silenciosa e demonstrava não assimilar o assunto desenvolvido durante a aula. Parecia estar sempre ausente do contexto vivenciado. Seu desenho não apresentava forma definida, embora fosse detalhista nos trabalhos de artes manuais, realizando com autonomia e precisão recortes e colagens.

Conforme o contexto apresentado, entende-se que os professores, de modo geral, precisam aprender como agir diante de grandes dificuldades na compreensão do novo. Ao sentirem-se sozinhos, procuram apoio em colegas, cursos e profissionais de suporte pedagógico para auxiliá-los na consecução dos objetivos pretendidos. Em tal jornada, recorrer à ajuda da família representa um suporte sólido para que os docentes compreendam características individuais, e para que promovam ações que possibilitem a aprendizagem e o desenvolvimento desses alunos.

Deste modo, a problemática do presente estudo residiu na seguinte questão: compreender a importância das contribuições da participação da família no processo de escolarização dos filhos com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Assim, abordaram-se diversos aspectos referentes à inclusão escolar, dentre os quais se destacam: breve histórico dos caminhos da inclusão escolar no Brasil; a importância da interação social para o desenvolvimento e a aprendizagem dos ANEE (conforme a perspectiva histórico-cultural de Vygotsky) e a abordagem teórica da subjetividade (numa perspectiva histórico cultural de Gonzalez Rey) (MADEIRA-COELHO, 1995); e, o papel da escola na garantia dos direitos e da promoção de uma educação inclusiva com ensino de qualidade.

O estudo apresenta também uma discussão do aspecto da adequação da escola como espaço de inclusão receptivo, onde os infantes possam desenvolver-se adequadamente, havendo a promoção de um ensino de qualidade, com características humanitárias e ações intencionais, visando aproximar os diferentes entre si. Tal concepção de escola estabelece parcerias reais com as famílias e a comunidade numa perspectiva de construção e execução de uma proposta pedagógica que privilegie a identidade, a aceitação, o respeito e a valorização da diversidade. (MANTOAN, 2003)

O estudo ressalta a importância da atuação dos sujeitos que interferem na inclusão escolar com vistas à promoção de uma educação inclusiva de qualidade. Entende-se que todos os segmentos constitutivos da escola devem contribuir para a inserção efetiva dos ANEE nos processos educativos, por meio dos profissionais de apoio da sala de recursos como facilitadores para a adequação à inclusão tanto para o aluno e para a família como para os professores. A família também possui relevante participação no processo educativo dos infantes. O estudo analisa fatores que impossibilitam uma interação efetiva da família com o processo da aprendizagem e do desenvolvimento educacional de seus filhos portadores de NEE.

Por considerar relevante o papel da família na inclusão escolar, a presente pesquisa procurou enfatizar a relação entre desenvolvimento humano, família e aprendizagem baseada na teoria da subjetividade de Gonzalez Rey (2002), responsável por discutir as relações sócio-afetivas como alicerces para a construção da autoestima e da autonomia enquanto sujeito para situar-se no mundo. Para isto, tem-se uma análise da formação familiar histórica e socialmente construída, incluindo o aspecto humanitário exigido nas sociedades contemporâneas para as estruturas múltiplas diferenciadas em que se assenta a família, conforme apresenta Szimanski (2009). Utiliza-se ainda a conceituação de Kelman (2009 apud

MACIEL; BARBATO, 2010) que apresenta outras concepções com distintas representações normativas.

Quando a família toma conhecimento de que a criança tem alguma deficiência, passa por sentimentos desestabilizadores: muitas não aceitam e outras super valorizam com demasiada atenção. Situar o núcleo familiar no contexto escolar é a preocupação primaz do presente estudo, especialmente no que tange à concepção de que o sentimento de pertencimento, de ser parte integrante de um processo, produz a autoconfiança, o que pode produzir como conseqüência a intervenção e participação, de maneira construtiva, no processo educativo de seus filhos. (PRIOSTE; RAIÇA; MACHADO, 2006)

Glat e Duque (2003), afirmam que a distância entre a realidade da escola e o conceito existente no imaginário da sociedade de que a instituição escolar detém o saber instituído afasta as famílias do cotidiano educacional. Sendo assim, cabe à escola a responsabilidade de procurar conhecer como a família enxerga a instituição de ensino e, a partir deste conhecimento, criar estratégias para estabelecer e fortalecer uma parceria produtiva que possibilitará à ambos os núcleos (familiar e educacional) assumirem um compromisso de reciprocidade.

Porém, compreender o aspecto anteriormente citado não é o bastante para se construir a parceria necessária. É preciso que se tenha conhecimento do que a família solicita da escola e quais as expectativas a respeito do desenvolvimento a ser alcançado pelo seu filho. É preciso ainda que todos tenham conhecimento de seus papéis e das responsabilidades inerentes a cada segmento constitutivo de tal parceria. A visão que a escola possui a respeito do seu papel e sua função enquanto instituição educacional está enquadrada em modelos ultrapassados, mas cabe à mesma redimensionar respectiva visão, promovendo uma integração dialógica e salutar, visando tornar seu espaço interessante, motivador e convidativo à aprendizagem significativa do conhecimento e das interações sociáveis e respeitosas, promovendo ainda, condições para que a família redimensione sua visão e expectativas quanto ao papel e função da escola.

Para que haja possibilidade da família estabelecer novos conceitos a respeito da escola, Chraim (2009) reforça a necessidade de oportunizar à família que expresse suas dúvidas e ansiedades, para então, em parceria, construírem uma escola inclusiva com ensino de qualidade.

Mediante as intenções acima apresentadas, o presente estudo utilizou-se de metodologia qualitativa, valendo-se do instrumento entrevista semi-estruturada. Procuraram-se captar respostas que elucidassem a realidade e as necessidades latentes das famílias, suas expectativas em relação à vida do aluno e o que esperam da escola quanto ao desenvolvimento de seus filhos.

A partir das informações oferecidas, foi possível traçar objetivos e metas de trabalho na promoção de maior participação das famílias no processo de escolarização dos ANEE.

1 A FAMÍLIA E O ATENDIMENTO AOS ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

No presente estudo, foram considerados diferentes conceitos que nortearam a interpretação da autora no que se refere ao tema estudado. Como trata basicamente da parceria escola-família no atendimento de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais (ANEE), no qual em certas literaturas recebe o termo deficiência, será apresentado, ao longo desta fundamentação, as definições pertinentes à pesquisa.

1.1 Inclusão no ensino regular

A inclusão de pessoas com necessidades especiais nas escolas regulares surgiu após a Declaração de Salamanca, mas as reivindicações por direitos igualitários e dignidade para todos não vem somente deste período. Em 1948, no período pós-II Guerra Mundial, a Organização das Nações Unidas (ONU) apresentou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que estabelece um ideário em relação ao direito pluralista e universal, fundamental para os seres humanos. Aproximadamente, quatro décadas após a Assembléia Geral de 1990, a ONU transferiu responsabilidades aos países membros, com o intuito de construírem sociedades inclusivas com mais direito para todos.

Em 1988, o Brasil promulgou sua Constituição Federal (CF). O inc. III, art. 208, Título VIII, orienta sobre o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. O art. 227, inc. II, § 1º, orienta quanto à criação de programas de prevenção e atendimento especializado para todos os portadores de deficiências, além da facilitação de acesso aos bens, aos serviços coletivos e à construção da eliminação de preconceitos e obstáculos arquitetônicos.

Em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece, no art. 2°, § 1º: “A criança e o adolescente portadores de deficiência receberão atendimento especializado”. Em 2001, é aprovado o Plano Nacional de Educação (PNE), onde uma de suas metas e objetivos era o de desenvolver programas educacionais em todos os municípios, estabelecendo parcerias com as áreas de saúde e assistência social, e garantindo atendimento extraordinário em classes e escolas especiais e qualificação continuada para os profissionais.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n°. 9.394/96, estabelece em seu art. 4º, inc. III, que o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência seja feito, preferencialmente, na rede regular de ensino. Os arts. 58, 59 e 60 asseguram tal atendimento especializado e as adequações necessárias, indo do espaço físico até a adequação do currículo e do tempo, dependendo da especificidade de cada deficiência. (BRASIL, 1996)

Após a Declaração de Salamanca (BRASIL, 1994), surgida ao final da Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais: acesso e qualidade, diversos países, inclusive o Brasil, adotaram postulados consonantes com o referido documento, o que promoveu uma sequência de legislação visando implementar na educação o atendimento especializado, garantindo, assim, a acessibilidade à escola e à qualidade no ensino. Este acesso e qualidade no atendimento das pessoas com Necessidades Educativas Especiais (NEE) foi denominado inclusão. Madeira Coelho (1995, p. 5) explica que a inclusão é um fenômeno sócio-cultural recente, cujos sujeitos se constituem como organizadores da mesma, através da convivência continuada e nas duplas relações estabelecidas como agentes e pacientes; soberanos e escravos. Na educação, tal processo se deu no acesso de pessoas com NEE ao ensino regular.

1.1.1 A escola e seu papel no desenvolvimento dos Alunos com Necessidades Educativas Especiais

O processo de inclusão de ANEE tornou-se realidade nas escolas de todo o Brasil, mas o arcabouço de tamanha qualidade ficou, a princípio, no ideal e na legislação.

Angelucci (2002), em sua dissertação de Mestrado, destaca a realidade de uma escola pública no estado de São Paulo (SP) e relata as dificuldades para compreender as necessidades educativas de seu aluno e como se sentia só, sem orientação e sem o apoio de uma rede de atendimento especializado. Aquela autora relata ainda que os alunos não eram encaminhados ao ensino especial após receberem um diagnóstico de profissionais qualificados para emitirem um laudo que orientasse a respeito da real necessidade do aluno e a sua possibilidade educativa. Conforme a referida professora, os alunos encaminhados para classes especiais eram os alunos mais levados, aqueles que o professores não conseguiam controlar e nem fazer com que aprendessem.

Neste período, a realidade da inclusão educacional limitava-se a encaminhar os alunos com problemas comportamentais para atividades isoladas ou em classes especiais, visto que não havia qualificação pedagógica para os professores que recebiam em suas turmas crianças com características de NEE. Mantoan (2003, p. 79) observa que, neste mesmo período, se intensificam as ofertas de cursos de formação continuada, que eram interpretados pelos professores como preparação para ensinar e aplicar esquemas de trabalho pedagógico predefinidos para suas salas de aula, garantindo-lhes a solução dos problemas que presumissem encontrar nas escolas reconhecidas como inclusivas. Aquela autora enfatiza que grande número dos docentes envolvidos concebia a formação como mais um curso de extensão ou de especialização que lhes garantisse um certificado de professor inclusivo, o que reforçava uma concepção equivocada do que é uma formação em serviço e do que significa inclusão escolar.

Nesta perspectiva, entende-se que a escola precisa ser reestruturada, e a educação inclusiva representa um movimento que busca corrigir uma tradição excludente. Prioste, Raiça e Machado (2006, p. 38) entendem que a escola precisa ser remodelada em seus padrões para receber a todos, independentemente de diagnósticos, e não de maneira inversa como era anteriormente: a criança tendo que se ajustar aos padrões escolares. Aqueles autores enfatizam que não deve ser avaliado se a criança tem ou não condições de ser incluída, mas sim, se a escola está disposta a se estruturar para receber a criança; atentam ainda que tal reestruturação não deve ser vista apenas nos aspectos materiais, mas em todo complexo organizacional que envolve o processo de inclusão.

Quanto à necessidade de uma reestruturação, Mantoan (2003, p. 64-68) faz menção de que um instrumento válido para a reorganização escolar nos aspectos pedagógicos e administrativos é a construção de um Projeto Político-Pedagógico (PPP) que contemple as necessidades e possibilidades do trabalho a ser desenvolvido na escola e na sala de aula, uma vez sendo na observação e no convívio com o outro que as condições de facilidade ou de dificuldades surgirão, oferecendo subsídios para a identificação das características individuais a serem exploradas e trabalhadas.

1.1.2 Sujeitos que interferem na inclusão escolar

Um dos pressupostos básicos da inclusão escolar é o convívio com o outro. Vigotski (1984) defende a tese de que é na interação social que acontece a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo. Para aquele autor, tais processos são fortemente ancorados nas vivências sociais dos sujeitos: a aquisição da linguagem, a formação de conceitos, a organização do pensamento e as demais instâncias mais elaboradas fazem parte de um conjunto socialmente construído. Assim, na interação e na relação dialética do biológico com o social é que o sujeito elabora um movimento compensatório, que consiste no desenvolvimento da personalidade da criança que busca superar a insuficiência orgânica, a limitação imposta pelo problema em si, através da criação de estímulos que compensem suas dificuldades e permitam se desenvolver e interagir socialmente.

O ser humano cresce e se desenvolve na interação com o outro. É na teia da sociedade e dos grupos que o indivíduo aprende a se colocar enquanto ser integrado a um contexto específico – familiar ou escolar. Tal relação, sedimentada por meio das trocas vivenciadas e como elas acontecem, é que representarão o fator de equilíbrio favorável ao desenvolvimento e a aprendizagem.

Gonzalez Rey (2002) destaca que as unidades complexas de natureza cognitivo-afetivo, em geral, encontram-se na base do desenvolvimento da personalidade, em diferentes funções do sujeito, formadas pelas atividades pensantes e pelas emoções, gerando a expressão intencional do sujeito. As relações afetivas, conforme aquele autor, são adquiridas na infância, constituindo a subjetividade individual, aspecto primaz no estabelecimento de relações com o outro, resultando, assim, no desenvolvimento do indivíduo.

Segundo aquele autor, a subjetividade individual no contexto escolar influencia e recebe influência da subjetividade social, ou seja, do conjunto de valores e crenças a respeito dos elementos constitutivos da educação e da sociedade, e para que ocorra uma interação produtiva, faz-se importante que todos os sujeitos envolvidos num certo convívio apresentem autonomia nas suas dinâmicas relacionais com o outro e com a aprendizagem. Em casos de ANEE existentes em unidades complexas a serem desenvolvidas, apresentando um certo tipo de dependência afetiva, a troca realizada com outros sujeitos no processo de inclusão escolar promove a busca da autonomia para o desenvolvimento e a aprendizagem. Para Vygotsky (1968), tais processos são essencialmente sociais e ocorrem na emocionalidade presente na relação com o “outro”, seja na família, na escola ou em qualquer ambiente socializador.

Vygotsky (1997 apud MACIEL; BARBATO, 2010) em seus estudos de defectologia, destaca que o movimento compensatório representa um aspecto preponderante na relação com a coletividade, na colaboração e na interação com os outros. Neste sentido, Gonzalez Rey (1995, p. 61 apud MARTINEZ, 2006) considera a escola como um contexto social de desenvolvimento em que se organizam formas características da relação entre desenvolvimento e aprendizagem em que o sujeito tem uma função ativa, interacional, atual, consciente e emocional no processo, e que tal interação gera um conjunto de projetos, reflexões e representações que são fontes de significados e sentidos. Para aquele autor, o sujeito interage com sua subjetividade consciente e inconsciente, que o formaram enquanto sujeito histórico. A presente interação, conforme Gonzalez Rey, está permeada da subjetividade social e que, com a inserção do sujeito nos sistemas sociais, a interação acontece simultaneamente no plano social e individual.

Mediante tais pressupostos, os sujeitos que interferem na inclusão escolar são os do convívio direto na escola – como os professores, colegas e demais profissionais do cotidiano escolar – além dos profissionais da área de saúde que realizam acompanhamentos à criança e que podem oferecer contribuições significativas ao desenvolvimento do ANEE. Braga (1995 apud MARTINEZ, 2006, p. 16) considera que no ambiente escolar deve haver a utilização de um processo de ensino e de aprendizagem criativos para que haja a superação de limitações e que, até com outras crianças que se encontram à frente no desenvolvimento, o ANEE terá um benefício em potencial.

Outros sujeitos que interferem na inclusão escolar e que têm significado relevante no presente estudo são os que estão presentes no convívio familiar. Dessen e Polônia (2007), baseadas em Kreppner (2000), afirmam que nas relações familiares ocorre a transmissão de valores, crenças, ideias e significados presentes nas sociedades, que vão influenciar diretamente o comportamento e a forma de existir e de ver o mundo, construindo as relações sociais. Faz-se necessário considerar que o ANEE, em virtude do convívio familiar, pode demonstrar fragilidade em construir relações sociais no ambiente escolar, por ser um espaço novo e diferente, onde as indagações infantis remetem à insegurança e às curiosidades, à exploração e à descoberta. Para que seja estabelecida uma relação de confiança no ambiente escolar, é preciso que o trabalho pedagógico seja integrado aos demais elementos que o constituem, e à família, e que, sendo realizado com criatividade, produza melhorias na aprendizagem e no desenvolvimento de tais discentes. (TUNES; TACCA; BARTHOLO JÚNIOR, 2005)

O professor deve considerar o aluno: sua história, suas emoções, suas potencialidades e seu interesse, aspectos que, segundo Rogers (1986 apud MARTINEZ, 2006, p. 89) constituem a totalidade da pessoa. Aquele autor destaca também que é na entrega de sua totalidade ao processo de aprender que acontecerá a significação, a aprendizagem criativa.

Tal processo exige do professor uma prática consciente, dialógica, dinâmica e criativa, reconhecendo que o aluno é o centro da própria aprendizagem através de sua experiência sobre o objeto de estudo. Deste modo, o professor, como sujeito interveniente, tem o papel de mediar e articular um conjunto de recursos que possibilitem sua ação conjunta com o ANEE e os demais sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem.

O presente estudo compreende como aspecto importante a compreensão da subjetividade individual do ANEE, fato que somente será viabilizado através do estabelecimento da parceria escola-família. Tal integração pode contribuir com elementos elucidativos a respeito da individualidade do ANEE expressos através do seu comportamento e das relações intersubjetivas estabelecidas por ele no dia a dia escolar. González e Toledo (apud GONZÁLEZ, 2007, p. 433) destacam que esta parceria é relevante porque os pais são os primeiros e principais agentes da educação dos filhos e desempenham um papel imprescindível em sua socialização e culturalização em todas as idades; são as pessoas que dispõem das mais variadas oportunidades para influir no comportamento da criança e favorecer, assim, seu desenvolvimento.

1.2 A família na inclusão escolar

A família é o primeiro e o principal grupo social em que vivemos. É a base da construção da individualidade e independência (CHRAIM, 2009); mas, deve-se considerar que na atualidade, a célula familiar não é mais aquela família padrão com a reunião de pai, mãe e filhos. Na busca por uma parceria efetiva com a família, Szymanski (2009, p. 107) entende que é preciso que a escola compreenda a família e procure observá-la sem preconceitos, uma vez que a aproximação realizada de modo errôneo será comprometida pela falta de confiabilidade e de respeito.

Szymanski (2009, p. 107) apresenta um conceito de família que vem contrapor o pensamento comum no ambiente escolar: de que ANEE não aprendem porque a "família é desestruturada" por não dispor de condições de dar atenção e cuidado para o desenvolvimento escolar de seus filhos portadores daquele tipo de necessidade educativa. Para aquela autora, o termo "família desestruturada" não quer dizer mais do que uma família que se estrutura de forma diferente do modelo de família nuclear burguês. Compreender tal forma de estruturação familiar representa, para a autora, o ponto de partida para uma relação mútua. A partir do momento em que a escola reconhece as diferenças existentes, tal instituição pode sair dos limites estreitos do preconceito e abrir-se para as novas possibilidades de ser do outro e de ser-com-o-outro. É preciso um novo olhar e dar-se a conhecer, o que ocorre na relação face a face, aberta e respeitosa. Mediante a interpretação de Szymanski, entende-se que atualmente, a família é constituída de pessoas interligadas por laços afetivos que se cuidam mutuamente, incluindo-se as crianças que vivem em casas de abrigo, pois existem pessoas que são responsáveis pelas mesmas e por assistirem-nas nas mais variadas necessidades.

A relevância da família é ainda mais marcante no caso do indivíduo portador de NEE, como observa Raiça (2006), ao tratar da deficiência mental e considerar ser importante compreender a realidade da família para, a partir desse conhecimento, identificar as parcerias possíveis entre a família e a escola.

Algumas posturas oriundas de preconceitos sociais podem influenciar negativamente na qualidade de acompanhamento e da credibilidade que os pais transmitem aos filhos portadores de NEE. De modo específico, Szymanski (2009, p. 111) afirma que "um passo importante para a construção de uma parceria entre escola e pais é considerá-los também como educadores, que têm o que transmitir e o que aprender e quanto maior a competência da família para realizar tal trabalho, maior será a probabilidade de sucesso". Portanto, sensibilizá-los no sentido de perceber e conhecer a importância da relação família-escola resultará em crescimento para o ANEE. Raiça (2006, p. 69) acredita que quando a parceria for bem estabelecida, facilitará e promoverá situações de aprendizagem tanto na área cognitiva, como na afetivo-social.

A exclusão de crianças portadoras de NEE é produzida pelo ambiente de carências afetivas, sociais, econômicas e culturais. A população de infantes vulneráveis e com dificuldades de aprendizagens tende a aumentar por carências afetivas, falta de esclarecimentos da sociedade e da família, relações familiares perturbadas, entre outras causas. Diante do fato, mostra-se essencial a conscientização da família fazendo-a compreender como partícipe de um contexto social que exerce influências sobre o indivíduo,

preparando-o para o mundo social e a realidade escolar. Portanto, deve-se promover a orientação para que a família se desenvolva e se torne um agente ativo no processo de inclusão de seu filho com NEE.

Glat e Duque (2003, p.32) afirmam que profissionais que estão envolvidos com crianças portadoras de NEE "devem abrir espaço para que os pais possam trazer suas dúvidas, frustrações e ansiedades, afim de que esses sentimentos sejam trabalhados e não os imobilizem". Da mesma forma, os profissionais da educação devem levar em consideração as preocupações da família e oferecer apoio para que possam auxiliar seus filhos no seu desenvolvimento, alcançando, assim, a aprendizagem apropriada às suas possibilidades. Aqueles autores também destacam que "nenhum programa de atendimento clínico ou educacional terá possibilidade de êxito se não for realizado algum tipo de atendimento ou trabalho paralelo com a família."

1.2.1 A família do Aluno com Necessidades Educativas Especiais no contexto escolar

Atualmente, uma das questões que preocupam os educadores em relação à inclusão é a participação da família – agente de grande relevância para que aconteça o sucesso na aprendizagem – que tem se mostrado aquém do necessário. Baseada em tal constatação, a escola deve encontrar formas criativas e esclarecedoras para envolver a família na participação do processo de inclusão de seus filhos. Quando faz-se presente a consciência das pessoas envolvidas, a inclusão toma outro rumo, ou seja, quando os alunos estão incluídos no processo educacional, o trabalho desenvolvido oportuniza a aprendizagem e apresenta resultados de qualidade significativa.

O aluno cuja família participa de forma mais direta no cotidiano escolar, pode apresentar um desempenho superior em relação àquele onde os pais estão ausentes do mesmo processo. Ao conversarem com o filho sobre o que acontece na escola, cobrarem dele suas responsabilidades e acompanhar suas pesquisas e tarefas de casa, mostrando com palavras e atitudes a importância da escola, os pais contribuirão decisivamente para a obtenção da aprendizagem e do desenvolvimento do filho na vida escolar. Esta constatação foi realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira – Ministério da Educação (INEP/MEC) com base nos resultados do Sistema Nacional de Avaliação de Educação Básica (SAEB) do ano de 2003.

Assim acontece também com os ANEE. É na base familiar que estes – até mais do que os outros alunos – necessitam de estímulos. Tais infantes começam a construir sua real identidade a partir das experiências e da forma como aprenderam a lidar com as informações que recebem. Em primazia, é na família que tal aluno encontra equilíbrio emocional para suportar as interferências do mundo, favorecendo a construção de sua autoestima e contribuindo para uma convivência social e escolar mais prazerosa e produtiva.

Ao refletir a respeito da presente questão, Prioste, Raiça e Machado (2006, p. 66) observam que, quando os pais tomam conhecimento de que seus filhos possuem necessidades especiais, principalmente no que tange à deficiência mental, não os estimulam, por já antever que estes não corresponderão às expectativas, gerando aí o grande erro provocado pelo preconceito. A escola, por sua vez, torna-se passiva ao aceitar situações em que tal preconceito é percebido. E não somente isto! Para Szymanski (2009, p. 122), de modo geral, a escola continua impondo o acompanhamento feito pelas famílias. As crianças que não dispõe deste atendimento em casa ficam, porém, prejudicadas, gerando um ciclo inadequado e retornando aos seus lares sem o processo de aprendizagem completo, e ainda, retornando posteriormente à escola da mesma maneira, ou seja, escola e família, em suposta avaliação final, julgam aquela criança como um ser incompetente. Logo em seguida, a escola julgará tal família também como um núcleo incompetente, pois esta deve assumir a culpa, uma vez sendo responsável pela criança.

Como pode a escola alterar tal quadro de desencontros que persiste em comprometer o processo de desenvolvimento e aprendizagem, principalmente dos ANEE? Embora diversos fatores – incluindo recursos didáticos e pedagógicos – também contribuam para que a aprendizagem ocorra, o presente estudo enfatiza a intenção de construir uma relação de cumplicidade entre família e escola. E, para que a escola possa alcançar este objetivo e promover ações que possibilitem o estabelecimento de laços fortalecidos pelo lidar comum com a aprendizagem dos alunos/filhos, é preciso conhecer o pensamento da família em relação à escola.

1.2.2 Como a família vê a escolar

Szymanski (2009, p. 105) apresenta a conclusão do estudo realizado com famílias residentes em bairros de baixa renda da cidade de São Paulo (SP), e que tiveram a escolaridade interrompida por diversas questões. Aquela autora constatou que as famílias pesquisadas observam a escola como um espaço para que seus filhos aprendam, basicamente, a ler e a escrever, a fim de terem acesso ao mercado de trabalho, questionam as substituições e faltas freqüentes das professoras, alegam que não poder ir às reuniões por estarem no trabalho e, às vezes, não vão quando solicitadas para não ouvirem as reclamações a respeito dos filhos e, por não saberem o que fazer, encaram as dificuldades dos filhos como um mistério, achando que os mesmos não levam jeito para os estudos, uma vez observando que aqueles infantes conseguem comprar, dar e receber trocos, e realizar outras contas básicas do dia a dia.

Através desta interpretação, percebe-se que a imagem das famílias em relação à escola não contempla a sua real função. Tais famílias não avaliam outros inúmeros aspectos constitutivos da missão da escola para educar os alunos pertencentes à sua comunidade. Alves (2009, p. 91) apresenta uma imagem de escola ideal, prenunciando que "as escolas têm que encontrar a maneira de educar, com êxito, todas as crianças, inclusive as com deficiências graves."

É preciso que a família entenda que a escola é uma instituição que prioriza as atividades educativas formais, sendo identificada como um espaço de desenvolvimento e aprendizagem e que deve envolver todas as experiências de vida nesse contexto. Isto significa considerar os padrões relacionais, aspectos culturais, cognitivos, afetivos, sociais e históricos que estão presentes nas interações e relações entre os diferentes grupos. Dessa forma, os conhecimentos oriundos da vivência familiar podem ser empregados como mediadores para a construção dos conhecimentos científicos trabalhados na escola. (DESSEN; POLÔNIA, 2007)

No presente estudo, a parceria com os pais é de fundamental importância, pois trazem referenciais únicos a respeito das necessidades de seus filhos e, ao mesmo tempo, percebem a dinâmica do dia a dia da escola, podendo assim integrar as ações e ampliar olhares criativos e desafiadores para o desenvolvimento e aprendizagem dos filhos.

Para Glat e Duque (2003, p. 84) a escola inclusiva desenvolve papel preponderante na interação do ANEE porque prepara o indivíduo para conviver na sociedade e aprender a superar as dificuldades relacionais existentes nos meios de convivência. Chraim (2009, p.28) entende que o indivíduo, em tal situação, como ser criativo, encontra possibilidades para conquistar o seu espaço, superando momentos difíceis, aprendendo a lidar com seus medos, conflitos, angústias e alcançar o bem estar. Como o *locus* inicial deste processo é na família, a participação do núcleo familiar no ambiente escolar representa uma possibilidade mais consistente de ser alcançada. Glat e Duque (2003) afirmam ainda que a integração família-escola é fundamental para o sucesso do trabalho acadêmico e do desenvolvimento global de ANEE, tornando-se, portanto, imperativo assumir um compromisso com tal reciprocidade.

Aquelas autoras ainda consideram que a família deve despir-se do papel de "culpada" para funcionar como um fator estratégico no processo de escolarização de seus filhos, e a escola deve passar da posição de "cobradora" para colaboradora, abrindo suas portas à família, de forma a ampliar cada vez mais o espaço de uma verdadeira participação.

Vencer a distância entre escola e família deve ser de responsabilidade da escola, conforme Szymanski (2009), onde ainda sustenta que deixar a complementação do ensino para a família é eximir-se da responsabilidade pelo desenvolvimento sócioeducacional da criança. Szymanski (2009) ainda destaca que, quanto mais baixo o nível instrucional da família, menos condições esta pode oferecer para o desenvolvimento de seu infante, fazendo com que a escola assuma tal função de forma mais abrangente. Szymanski (2009) sustenta que, deixar para a família a complementação do ensino, principalmente nas camadas sociais empobrecidas, é buscar uma convivência no processo de exclusão da criança da escola.

1.2.3 O que a família solicita da escola?

Conforme destacado anteriormente, existe uma visão ingênua em relação ao amplo papel da responsabilidade que a escola tem nos dias atuais. Prioste, Raiça e Machado (2006, p. 64) consideram que:

> [...] com a inserção da mulher no mercado de trabalho, as relações familiares sofreram algumas transformações, o pátrio poder passou a ser compartilhado e a função de educar foi sendo cada vez mais transferida à escola. A criança, desde a mais tenra idade, passa a ser cada vez "menos filha" por um lado, e cada vez "mais aluna" de outro, já que vive grande parte do dia na escola.

A escola, por outro lado, se vê despreparada para assumir todos os papéis a ela delegados e impostos sem que tivesse tido oportunidade de se preparar e adequar para desempenhá-los com qualidade. Diante de tal dilema, a escola precisa oferecer atendimento aos alunos que possibilite uma educação contextualizada e coerente com a sociedade em que vive; e é isto que os pais esperam, mesmo tendo a visão distorcida do papel da instituição de ensino.

Szymanski (2009, p. 123), ao relatar que os pais consideram que a escola exclui seus filhos por ser autoritária, por ser um espaço destituído de emoções e de atrações lúdicas e, por ser um espaço desinteressante e desmotivador (ADORNO, 1992, p. 129 apud SZYMANSKI, 2009, p. 123), aponta que a escola acaba por matar o seu "sonho de "ascensão social". Para aquela autora, o que as famílias solicitam da escola é que esta propicie maior participação da família e que cumpra sua parte no processo educacional. Szymanski (2009) entende que as famílias estão conscientes da necessidade de melhoria das condições de ensino, embora não se organizem em movimentos reivindicatórios.

1.2.4 O que a escola pode oferecer à família?

Diante das reflexões apresentadas, a ação imediatista oferecida pela escola à família é a participação efetiva não apenas na tomada de decisões, como preconiza a gestão democrática que envolve o Conselho Escolar como a representatividade dos segmentos para a sua formação, mas, principalmente, enquanto conhecedora dos mecanismos rotineiros do processo de desenvolvimento em que seus alunos estão inseridos, e conhecer, através do relato da professora e da troca de idéias e saberes da escola e da família, a respeito das possibilidades de aprendizagem de cada criança.

Chraim (2009, p. 96), ao orientar para a construção da aprendizagem, observa que "muitas questões podem ser mediadas por boa comunicação, onde duas ou mais pessoas podem estabelecer um relacionamento baseado nos parâmetros da escuta e da fala. Muito mais importante do que ouvir o que o outro está falando, é buscar entender as razões que levam o outro a falar, o que é falado e a forma com que fala. Para Chraim (2009), tal aspecto justifica o sucesso nas condutas que estão alicerçadas no diálogo. Portanto, ouvir o que os pais tem a dizer e quais as suas dúvidas, frustrações e ansiedades em relação à escola devem ser consideradas porque, somente assim, a escola poderá compreender o pensamento dos pais e promover ações que contribuam com a construção de uma relação família-escola que busque

as transformações necessárias ao desenvolvimento dos alunos, oportunizando a participação familiar.

Outro recurso que pode ampliar a visão da família em relação à escola é possibilitar-lhe o acesso a Proposta Pedagógica, para que tome conhecimento dos pressupostos e fundamentos que embasam a missão e a função da escola. Assim, a participação da família deve ter relevância na construção da referida Proposta, o que seria ainda mais efetivo na mudança da visão da família de que a escola é apenas para ensinar a ler e a escrever e ser a "cuidadora" de seus filhos.

Além dos fatores já mencionados, a escola pode promover espaço e oportunidade para orientar a família – principalmente àquelas que possuem ANEE – na busca de redes de apoio, tanto na área social como na área de saúde, para que não se sintam isoladas e recebam atendimento adequado conforme as necessidades identificadas. Na escola, professores, orientadores educacionais e profissionais da sala de recursos devem promover a seguridade e confiança da família, para que esta se sinta segura e confiante em buscar atendimento para seus filhos.

A escola, ao pensar em educação inclusiva e na promoção da participação da família como fator preponderante para o desenvolvimento global do ANEE, necessita iniciar a vivência de uma educação que satisfaça as necessidades básicas de cada um, por meio de um ensino diferenciado. Uma nova vivência escolar será percebida pela família, o que possibilitará a quebra de muros discriminatórios e preconceituosos, construindo laços de segurança e confiabilidade.

1.22.5 A participação da família na inclusão escolar

Em que a família pode contribuir no processo de desenvolvimento e aprendizagem escolar de seus filhos portadores de NEE?

A família, ao receber uma criança com necessidades especiais, precisa se adaptar à nova realidade, procurando formas e maneiras de conviver com o novo e buscando romper com preconceitos a respeito da deficiência do infante ali presente. Tanto a super proteção como o descrédito podem trazer prejuízos à auto-estima da criança, fazendo-a se sentir insegura e incapaz para lidar com as questões sociais, relacionais e de aprendizagem que surgirão no decorrer da sua vida escolar. Portanto, a melhor maneira da família auxiliar seu filho é educá-lo com limites. Glat e Duque (2003, p.40) utilizam o pensamento de Buscaglia (1997) para expressar que a criança excepcional também precisa de limites. Embora possa

parecer difícil dizer não ou ser incisivo, tais infantes precisam aprender que se espera delas o mesmo que os outros membros da família.

Outra maneira da família contribuir com o processo de desenvolvimento e aprendizagem de seu filho é colocar-se como aliado dos professores para que o êxito na educação seja alcançado. Prioste, Raiça e Machado (2006, p. 54) expressam que os pais poderão auxiliar, e muito, aos professores, e que estes devem considerá-los aliados e não opositores da escola. Conhecer a realidade escolar e procurar estabelecer um relacionamento de interesse e compromisso com as atividades da escola resultará em sucesso e êxito, pois gerar-se-á um cunho de familiaridade e segurança que permitirá ao aluno conviver com as diferenças e se colocar como ser autônomo diante do grupo em que vive.

Quanto mais se refletir a respeito da inclusão social e escolar dos portadores de necessidades especiais, observa-se, em larga escala, que "a chave do enigma está na esfera dos relacionamentos humanos" (GLAT, 1995, p. 47 apud GLAT; DUQUE, 2003, p. 105). Até mesmo o sucesso escolar está permeado da relação com o outro – da confiança e da troca. Acreditar nas possibilidades do outro, principalmente das crianças com NEE, fará a diferença ao decorrer da vida de todos os envolvidos. Se o pai pode aceitar seu filho com deficiência e incorporá-lo ao seu convívio e às atividades rotineiras, estará abrindo caminho para que tal indivíduo possa se adaptar a uma nova vida – dentro de suas dificuldades – o mais normal possível.

Para exemplificar, tem-se a seguir a transcrição de um depoimento carregado de emoção, que ilustra claramente o quanto a família pode promover a adaptação de uma vida o mais "normal" possível ao indivíduo, mediante suas dificuldades:

> Eu freqüento circo, eu vou a circo, eu vou a tudo... Já levei ele ao teatro, já levei ele a circo, a cinema, entendeu? A última vez que eu saí com ele nós fomos ao circo, assim... lugar público fechado. Fui ao circo, eu levei ele ao circo, no Beto Carreiro. Ele assistiu três horas de espetáculo, quietinho, tudinho, comendo pipoca, tomando coca-cola, numa boa. Até Maracanã ele já foi. Imagina uma criança com as limitações dele, foi ao Maracanã. Assistiu, bateu palmas, cantou, adorou! Porque ele adora futebol, ele canta, ele vê o time, ele grita... Com todos os limites dele e as dificuldades, eu sempre tentei fazer tudo que outra criança faz, com ele. (GLAT; DUQUE, 2003, p. 50) (Amostragem de distúrbio de comportamento, 7 anos)

Embora tal relato não corresponda ao foco do estudo, salienta a importância que a credibilidade dos pais em relação às potencialidades de seus filhos pode influenciar no desenvolvimento e na aprendizagem do processo de inclusão. A qualidade da participação da família, neste processo, tem início na vontade pessoal. Chraim (2009, p. 60) observa que os

pais precisam construir alianças positivas com os professores, o que resultará em um elo fortalecido pela confiança construída numa relação dialógica.

Para Prioste, Raiça e Machado (2006, p. 69), as relações entre família e escola deverão estar permanentemente em harmonia e colaboração, resultando muitas ações de relevância para o aprendizado do aluno, beneficiando alunos, pais e professores. Cabe à escola sensibilizar a família no sentido de perceber e conhecer a importância desta relação.

Szimansky (2009, p. 34-35), comentando o pensamento de Freire a respeito da práxis libertadora na família e a sua conseqüência na formação de uma nova sociedade, afirma que as trocas construídas com a família podem ser efetivas para a construção de um novo momento. Aquela autora ainda destaca que Freire apontava para o trabalho da escola com os pais como um fator indispensável para promover novos hábitos de participação.

Para Freire (apud SZIMANSKY, 2009, p. 43), a participação está alicerçada na relação dialógica, onde o diálogo é entendido como troca intersubjetiva no respeito às individualidades e como condição básica para o estabelecimento de um novo momento na educação. Assim, para que a família exerça real participação no processo de escolarização e de desenvolvimento dos ANEE, é imprescindível a promoção do diálogo. É preciso que a escola, através de ações integradoras, dê voz à família, oportunizando que expressem suas angústias e dificuldades e, na troca de experiências, escola e família desempenhem seu papel no desenvolvimento global dos ANEE.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Entender como a família vê a escola no processo de desenvolvimento e de aprendizagem do seu filho portador de Necessidades Educativas Especiais (NEE) e como a escola pode promover a integração da família no contexto escolar.

2.2 Objetivos específicos

- Identificar as dificuldades vivenciadas pelos pais em relação ao acompanhamento do processo escolar dos filhos portadores de NEE.
- Verificar a existência de preocupação parental na escolha da escola para os filhos portadores de NEE, identificando o entendimento que os mesmos têm a respeito do papel da escola ao escolherem a instituição em que pretendem matricular o referido infante.
- Identificar as práticas de acompanhamento escolar realizadas pelos pais que visam auxiliar no processo de desenvolvimento e aprendizagem dos filhos portadores de NEE.
- Identificar as dificuldades vivenciadas pelos pais com relação ao acompanhamento do processo escolar dos filhos portadores de NEE.
- Identificar as ações realizadas pela escola para promover maior participação da família de alunos portadores de NEE.

3 METODOLOGIA

Segundo a proposta do presente estudo, que argumenta: “Qual o papel da família no processo de desenvolvimento e aprendizagem de Alunos com Necessidades Educativas Especiais (ANEE) no contexto escolar?”, faz-se necessário conhecer o pensamento familiar em relação ao trabalho escolar e qual a importância da escola para a aprendizagem do infante portador de Necessidades Educativas Especiais (NEE).

Utilizou-se a metodologia chamada “história de vida”, que consiste em entrevista aberta, sem roteiro predeterminado, na qual a pessoa expõe o que pensa sobre o assunto. A partir de suas colocações, o entrevistador vai formulando outras questões que possam aprofundar determinado aspecto que considere relevante para a sua pesquisa. Assim, tal metodologia, de natureza qualitativa, oferece um enfoque amplo, pois as respostas apresentadas pelo entrevistado podem superar as expectativas planejadas e corroborar ainda mais com o tema pesquisado, uma vez que as informações ou dados obtidos e a maneira como são expressos, informam ao pesquisador como os entrevistados encaram e valorizam suas experiências de vida.

Assim sendo, o método de “história de vida” tem como consequência tirar o pesquisador de seu pedestal de “dono do saber” e ouvir o que o sujeito tem a dizer sobre ele mesmo: o que ele acredita que seja marcante ou importante em sua vida. (GLAT; MÜLLER, 2007, p. 20)

A busca bibliográfica foi o primeiro passo para a realização da pesquisa, sendo possível a localização referencial de inúmeros pensadores educacionais, embasamentos teóricos e práticos para o desenvolvimento da pesquisa de acordo com os objetivos propostos em capítulo anterior. Segundo Gil (1999 apud WEBER; DESSEN, 2009), a revisão bibliográfica é a etapa que “procede-se à identificação das idéias-chaves do texto, à sua ordenação e finalmente à sua síntese.” É a partir da associação dos fatos com o contexto que se lança mão do trabalho proposto.

Em seguida, selecionaram-se entre tantas outras famílias, duas mães para a realização das entrevistas, devido ao constante acesso destas à escola, fato que tornaria mais fácil o diálogo sobre o tema proposto. As mães foram convidadas à colaborarem junto à pesquisa por meio de uma carta-convite, que informava data e horário do comparecimento no local da entrevista, a própria instituição de ensino que a entrevistadora trabalha como regente e onde seus filhos das entrevistadas estudam.

De posse das informações dadas nas entrevistas para transcrição e análise, percebeu-se a necessidade da obtenção de outras informações para complementação de algumas questões levantadas ao longo do estudo. Sendo assim, uma das participantes, com disponibilidade de tempo para a realização de uma segunda entrevista, se dispôs ao referido desafio, apresentando a mesma empolgação da entrevista anterior. Então, tem-se que só uma das entrevistas foi utilizada na pesquisa para estudo por haver colaborado para as questões do objetivo da pesquisa apresentado anteriormente.

Após a transcrição da entrevista, realizou-se análise da mesma, ao qual foram selecionados no texto os temas e as categorias correspondentes, isto é, a partir da própria transcrição digital, foram classificadas as categorias-sínteses. Em tal seleção, foram incluídos os temas que representam cada uma das categorias presentes nas entrevistas analisadas e suas respectivas verbalizações. Por fim, construiu-se um quadro contendo as verbalizações, os temas e as categorias correspondentes.

3.1 Contexto de pesquisa

O pesquisa do estudo foi realizada na instituição escolar local de trabalho da autora e, em especial, pelo fato de ser uma escola inclusiva, propiciando constante contato com os alunos com necessidades especiais e suas famílias. A referida instituição de ensino pertence à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEE/DF). Localiza-se na capital federal, Brasília, sendo inaugurada em 23 de março de 1984. A localidade onde encontra-se a referida escola demonstra ser um local tranqüilo, possuindo próximo à mesma quadra de esportes, banca de revistas, blocos residenciais e setor comercial local, que possui sobrelojas residenciais onde alguns dos alunos daquela escola moram com suas famílias, pois deixaram suas casas nos arredores da cidade, dando preferência ao aluguel, para facilitar o acesso ao trabalho e à escola dos filhos.

Segundo o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, os discentes ali identificados são crianças de 5 a 10 anos de idade, incluindo poucos casos de defasagem etária por questões diversas e, não mais que 15% são residentes das superquadras próximas à escola, uma vez que a maior parte reside nos condomínios em direção às cidades-satélites de Sobradinho e Planaltina. Aquela instituição escolar conta com profissionais da carreira magistério e da carreira assistência qualificados para atuarem no atendimento à ANEE e, por ser uma escola inclusiva, possui uma professora de apoio para atendimento na sala de recurso. Possui ainda uma monitoria para ajudar no atendimento aos ANEE, dispõe de laboratório de informática

com 17 computadores, sendo 3 deles com acesso à *internet* Banda Larga; possui sala de mecanografia, com máquinas copiadoras que produzem cópias de qualidade; conta também com uma biblioteca que apresenta um acervo com mais de 2.000 livros adequados para a faixa etária - embora já apresentem desgaste pelo manuseio – e, professoras em processo de readaptação que têm auxiliado no projeto leitura e na organização geral dos livros.

O PPP da referida instituição relata que, para a construção de um projeto compartilhado, faz-se necessário conhecer o que pensam todos os envolvidos no processo fim da instituição educacional, o que entendem e esperam que seja realizado com vistas à formação do aluno. Em suma, o documento expressa que é preciso conhecer o que se dispõe. A escola quis, portanto, ouvir a opinião dos vários segmentos através de diálogos abertos e claros, mas pela dificuldade de reunir todos os pais e ouvi-los, encaminhou-se um questionário escrito para as famílias. Percebeu-se, a partir do questionário escrito, a necessidade de que, além de reparos na estrutura física da escola, seria preciso conhecer a nova proposta curricular da SEE/DF. A seguir, tem-se algumas ações que colaboram para um fazer pedagógico diferenciado e que promovem a construção de seres autônomos críticos, conscientes do papel individual na sua própria formação, destacadas no referido PPP.

- Projeto interventivo – Ocorre em horário contrário ao da aula do aluno, as segundas, terças e quintas-feiras, com um período próprio de atendimento.
- Integração do grupo – Realiza vivências que promovam a integração entre as partes, com o princípio fundamental na perspectiva de assegurar uma educação de qualidade.
- Salas de aulas – Uma televisão (TV) de 21” e um *Digital Versatile Disc* (DVD) para cada sala de aula, com *racks* apropriados e armário para cada sala de aula.
- Esporte – Recentemente conseguiu-se aquisição de horário para utilização da quadra de esporte polivalente da quadra residencial onde a instituição escolar encontra-se localizada.
- Coleta de lixo – Proposta de adequação de espaço externo ao pátio para a acomodação dos sacolões de lixos.
- Leitura – Dinamização do hábito da leitura e construção do prazer de ler.
- Bebedouro – Previsão de instalação de um bebedouro na área próximo ao pátio da frente da escola para facilitar à criança saciar a sede durante o período de espera.
- Horta – Previsão da continuidade do Projeto Horta, com a participação da sala de recursos e algumas turmas.

- Alunos com dificuldades de aprendizagem – Propor mecanismos, projetos e oficinas pedagógicas que auxiliam na superação das dificuldades identificadas.

Além dos projetos elencados anteriormente, tem-se ainda o projeto maior e abrangente para toda escola, intitulado “Diversidade”. O PPP da referida instituição ressalta que uma escola inclusiva que se propõe a conviver com as diferenças e reconhecer a diversidade de saberes que chegam à escola e que permeiam o processo ensinar-aprender, merece, mais que em qualquer tempo, ser priorizado com referencial das ações pretendidas.

Destaca-se, portanto, a obrigatoriedade dos eventos referentes à história e às culturas afro-brasileira e indígena, que devem ser ministrados no contexto de todo o currículo escolar, em especial, nas áreas de arte, literatura e história. O tema “Serviço Voluntário” faz parte da Proposta Pedagógica da Instituição Educacional, que visa despertar a comunidade para a generosidade e solidariedade, valores decadentes na sociedade atual. Tais atitudes são abordadas nos temas transversais de forma interdisciplinar.

De acordo com o PPP da referida instituição de ensino, os projetos desenvolvidos identificam componentes curriculares que serão utilizados para que o aluno alcance as habilidades e as competências propostas. Partindo de assuntos relevantes para a realidade escolar e lançando mão de diversos saberes, torna-se possível a elaboração de um pensamento construído a partir da experiência pessoal – da própria ação do aluno na interação com material e com o auxílio de seus pares –, o estabelecimento de relações entre as ciências e o significado que apresentam para a aplicabilidade de tais conhecimentos para a vida, ressignificando, assim os saberes adquiridos/construídos.

Em relação à avaliação, o PPP observado relata que a instituição de ensino dispõe das Diretrizes de Avaliação do Sistema Público de Ensino do Distrito Federal (DF), da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e do Regimento Escolar, além de uma gama de teóricos que elucidam a questão da avaliação para a educação na atualidade. Portanto, a avaliação processual e continua é a que tem encontrado espaço junto aos educadores que buscam nova proposta de ensinar. Tal PPP ainda destaca a importância da avaliação institucional que proporciona momentos de reflexão dentro na escola, no tocante a todos os mecanismos e recursos físicos e de pessoal que possam promover a sobrevivência da escola, dos valores morais, sociais e éticos, diante das revoluções pelas quais passa a sociedade do século atual, em tempos de globalização.

O PPP observado relata que a instituição escolar tem elaborado junto com a família a realizações de eventos, como o aniversário da escola, a festa julina, o encontro das famílias com oficinas e vivências, a festa da cultura, com realização da ExpoConhecimento, e a cantata de Natal, proporcionando à comunidade escolar orgulho e participação constante, o que reforça as atividades culturais e pedagógicas desenvolvidas na escola ao longo dos 27 anos de sua existência, promovendo educação de qualidade.

Constatou-se que o PPP daquela instituição escolar não faz referência à participação da família no processo de escolarização do filho com NEE, mas refere-se ao atendimento de tais alunos com ações diferenciadas, promovendo o respeito às especificidades de cada um, a adequação de currículo e metodologias que possibilitem o desenvolvimento dos mesmos, favorecendo a proximidade da família à escola e, a maior integração e o maior apoio no desenvolvimento do filho portador de NEE.

3.2 Participantes

Participou da pesquisa uma mãe de um aluno com necessidades especiais – de sexo masculino – residente em cidade do entorno do DF, com idade de 10 anos à época da entrevista. A mãe relata que seu filho tem diagnóstico de Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade **(**TDAH), com diagnóstico fechado de bipolaridade. De acordo com a metodologia de pesquisa efetivada no presente estudo, a consulta foi realizada apenas por entrevista, de estilo "história de vida". É importante destacar que seria de grande importância para o estudo a participação da outra família, o que poderia oferecer a comparação de semelhanças e diferenças existentes no relato das duas mães em relação à participação no processo de escolarização de seus filhos portadores de NEE.

Apesar da participante escolhida ter convivido muito tempo na escola e ser bem conhecida, seguiu-se um roteiro de entrevista no qual constavam alguns dados, tais como: condição econômica, nível de escolaridade, profissão, estado civil e idade, entre outros. Os dados coletados na entrevista foram apresentados a partir de perguntas, seguindo a dinâmica do método de "história de vida", dando liberdade à entrevistada de conduzir a conversa, trazendo novos tópicos ou retornando aos dados anteriores quando lhe convinha. A participante é oriunda de classe média. À época da pesquisa, possuía Ensino Médio completo, tinha 28 anos de idade, de estado civil solteira, sendo "N" o único filho, o qual apresenta sintoma de NEE.

O critério de seleção das famílias foi mantido a partir das disponibilidades para a entrevista apresentadas por elas. Conforme expresso anteriormente, a maioria dos alunos da referida instituição de ensino tinha origem nas cidades do entorno do DF. Portanto, era impossível a condição de colaboração de muitos discentes e seus familiares devido à indisponibilidade de tempo. Vale destacar que a participante da entrevista tem moradia em uma das cidades do entrono do DF e que, à época, encontrava-se desempregada. Durante a pesquisa em curso, e enquanto seu filho permanecia na escola, a entrevistada permanecia na casa dos seus pais ali pela localidade da escola, se dispondo a colaborar com a escola no que fosse necessário.

3.3 Instrumento de construção de pesquisa

O instrumento utilizado como estratégia de construção de informações escolhido foi a entrevista. Segundo Vasconcelos (2002 apud WEBER; DESSEM, 2009, p. 31), através da entrevista tem-se a obtenção de informações sobre o que as pessoas e os grupos sabem, acreditam, esperam, sentem e desejam fazer, fazem ou fizeram. Da mesma forma, Breakwel et al. (1995 apud WEBER; DESSEN, 2009, p. 31) consideram que a entrevista é uma ferramenta infinitamente flexível para a pesquisa, e sobretudo, pode ser utilizada como principal instrumento de coleta de dados.

Weber e Dessen (2009, p. 31) consideram que a entrevista possibilita avaliar questões do passado, do presente e do futuro, partindo para a abertura do diálogo, da forma pela qual a opinião dos entrevistados pode ser obtida de modo simples e direto, com a intenção de identificar estruturas individuais, conhecimentos e argumentações. No discurso construído, na interação entrevistado-entrevistador, cria-se uma atmosfera totalmente desconhecida pelo entrevistador, e as falas dos entrevistados mostram aspectos da realidade vivida somente acessível a eles, possibilitando clareza na interpretação das informações.

Weber e Dessen (2009, p.32) valem-se do pensamento de Breakwell et al. (1995) quanto à utilização de entrevistas, ou seja, percebem que existem entrevistas de variados tipos, possuindo estrutura, estilo e características próprias, embora todas tenham o objetivo de buscar informações do participante e conhecer, de modo profundo, a respeito do objeto de estudo. Aqueles autores consideram que os tipos de entrevista de pesquisa mais utilizados são: semi-estruturada, estruturada e livre, e afirmam que, na sua maioria as entrevistas são realizadas com um único participante ou com um grupo deles e são do tipo semi- estruturado,

isto é, tem um roteiro a ser seguido, o qual orienta o diálogo e a interação entre entrevistador e entrevistado**.**

A entrevista da pesquisa ocorreu na instituição escolar onde atua a autora do presente estudo, sendo realizada em dois momentos: o primeiro, no dia 17 de dezembro de 2010, com duração de 33 minutos. Na ocasião, pediu-se à entrevistada autorização para gravar e transcrever o diálogo, o que de prontidão, foi concedida. O roteiro deste momento da entrevista foi dividido em 3 partes, onde cada parte possuía de 3 a 9 tópicos, que abordavam as categorias objetivadas pela pesquisa. O segundo momento ocorreu por ocasião do retorno às aulas, em meados de fevereiro de 2011, devido à complementação que se fez necessária após a transcrição e análise da conversação, quando foi identificado na fala da entrevistada a sugestão de interação das famílias de alunos que não apresentam necessidades educativas especiais, no sentido de possibilitar às mesmas a compreensão das características específicas de cada necessidade, visando a inclusão escolar.

3.4 Estratégia para análise das informações

Na primeira parte da análise dos resultados, procurou-se cuidadosamente analisar o relato da entrevistada, selecionando-os a partir dos objetivos propostos. A intenção de tal gesto foi a compreensão do papel da família no processo de escolarização do filho portador de NEE, a partir da concepção dos referenciais teóricos supracitados.

Na segunda da parte da análise dos resultados, realizou-se a transcrição da entrevista. Para tanto, foi necessário a repetição constante da audição gerada sobre os tópicos relatados durante a entrevista, para que não fosse omitido ou acrescentado nenhuma palavra ou idéia. A transcrição literal da entrevista transcorreu nos mínimos detalhes. A entrevista, de modalidade aberta, permitiu à entrevistada que manifestasse espontaneamente suas experiências, trajetórias e expectativas de vida em relação à sua história de vida. Em suma, o relato da entrevistada representou o julgamento sobre aquilo que é relevante em sua vida como mãe de uma criança portadora de NEE, bem como aquilo que considera importante compartilhar com outros pais na mesma situação.

A partir da transcrição literal da entrevista, foi possível destacar as partes mais importantes para a solução do problema da pesquisa. Em seguida, selecionou-se 4 categorias que vem de encontro com o problema da pesquisa e o referencial teórico adotado, conforme expostas a seguir:

1) Família – No referido estudo, tal categoria encontra-se definida como sujeito que influencia, de maneira significativa, o desenvolvimento do filho portador de NEE. O aspecto familiar apresenta-se como necessidade primordial no apoio ao filho e na sua escolarização, pois é, principalmente na família, que a criança encontra equilíbrio emocional para suportar as interferências do mundo, favorecendo-lhe a construção de auto-estima e convivência social e escolar prazerosa e produtiva. A família tem importante papel no processo de escolarização do referido infante.
2) Participação – Enfatiza a importância da participação da família no processo de escolarização do filho portador de NEE em parceria com a escola e sua parcela de contribuição no desenvolvimento desse aluno. (GLAT; MÜLLER, 2007, p. 71).
3) Papel da escola – Representa as obrigações da escola em relação ao ANEE e sua família. Gera o seguinte questionamento: o que a escola faz e o que ainda pode fazer? Enfatiza-se na presente categoria a necessidade da escola em promover um espaço de integração para famílias dos ANEE, possibilitando sua participação no desenvolvimento e na aprendizagem de tais alunos, bem como dá ênfase, também, à questão da responsabilidade da escola e da família na parceria família-escola.
4) Inclusão – Esta categoria se define no presente estudo no tangente ao reconhecimento dos direitos do aluno com necessidades especiais, tendo a inclusão como ponto de partida para o seu desenvolvimento. A inclusão de alunos com necessidades especiais requer o repensar a estrutura organizacional escolar, aspecto tão necessário à efetivação de políticas públicas inclusivas. No presente estudo, discute-se a questão da inclusão a começar pela sua adequação à comunidade escolar, o que significa envolver todos os profissionais da escola, profissionais da rede de apoio, famílias, enfim, todos os sujeitos implicados na transformação da escola, visando o atendimento da diversidade de crianças que demandam educação inclusiva de qualidade.

4 RESULTADOS

O presente capítulo destaca a análise da entrevista realizada junto à "C", cujo objetivo é entender como a família de um Aluno com Necessidades Educativas Especiais (ANEE) observa a escola, o processo de escolarização e o que espera da referida instituição enquanto instrumento apto para promoção do desenvolvimento global de tais discentes.

A entrevistada relatou um histórico a respeito da primeira infância de seu filho e, em seguida, destacou como percebeu que ele apresentava comportamento diferenciado dos outros alunos:

> "C": *... a gente só percebeu essa necessidade na ... quando ele já tava com três anos, com a necessidade escolar, né? Que a gente já via que ele era muito agitado, ... então, aí, a partir daí a gente começou a obter algumas coisas, ... observar algumas coisas, mas até então a gente não sabia qual seria essa necessidade. ... a gente só percebia que ele era uma criança mais agitada, e que precisaria de...né? ...de atividades físicas. ... a gente só começou a perceber a necessidade... dele na área de saúde, depois que a gente já estava em Brasília, ele com seis para sete anos de idade, ...a escola começou a cobrar, um... uma questão da área de saúde, tipo psiquiatra, psicólogo, remédio, essas coisas, ...porque eles não estavam dando conta do N na escola.*

Na seqüência do relato, a entrevistada dá a entender que a mudança de comportamento e de humor de "N" ocorria pela falta de conhecimento dos profissionais da área de educação que não o compreendiam e nem tinham conhecimento da síndrome apresentada pelo mesmo. A entrevistada considera ainda que a escola responsabilizava aos pais pelo comportamento social de "N", que era inadequado ao convívio com os colegas e os profissionais de ensino da instituição, demonstrando ao observar como a escola procedeu por não ter condições de acolher "N".

> "C": *Em Fortaleza, porque como ele foi de 3 a 4 anos, aí como o pessoal da escola achou melhor que ele não continuasse na escola, aí, o que a gente fez? A gente tirou. Minha mãe como é professora, começou a trabalhar com ele na área, na área da educação dentro de casa, né?Aí que tá a importância da família, né? que tá dando apoio pra ele dentro de casa, já que no Instituto, né?, na escola, ele não conseguiu o apoio que ele precisava, a gente começou a trabalhar com ele dentro de casa, ...*

A entrevistada percebeu a mesma dificuldade destacada anteriormente ao chegar à capital federal, quando conduziu "N" à escola, de 6 a 7 anos de idade, sentindo-se cobrada outra vez pela conduta do filho no novo ambiente escolar:

> "'C": *Aí, aqui, a gente foi correr atrás de profissionais, psiquiatra, que até então a gente não sabia, mas aí, como eu me mudei de Fortaleza pra cá, então aqui, me deu, em Brasília me deu um campo grande pra correr atrás de profissionais...*

Ao ser questionada pela entrevistadora como ela considerava, em termos ideais, a relação escola-família, "C' ressalta que "a escola devia pesquisar ou buscar pessoas, se aliar com, por exemplo...". Em seguida, "C" interrompe sua fala e relata sobre os diagnósticos de "N", dando a entender a importância dos encaminhamentos da escola em relação aos atendimentos na área de saúde e na promoção de um espaço onde a família pudesse apresentar suas necessidades.

> "C": *Então, assim, o que eu acho é o seguinte, é... a gente tá vendo aí que cada vez mais tá havendo, essa síndrome nova, tá aparecendo, eu acho que a escola por ser o primeiro núcleo social que eles têm devia fazer com que os pais... a escola poderia ta abrindo espaço para que esses pais possam tá expondo a sua... a sua... convivência, a sua experiência de vida diante dessas necessidades, porque quando forma um grupo com as mesmas necessidades, com os mesmos... com conhecimentos diferentes que possa agregar isso, porque às vezes tem um conhecimento que a outra não tem, mas que aquele conhecimento que eu tenho possa ta beneficiando aquela mãe que não tem, né, tipo... é... a questão dos psicólogos, as questões dos psiquiatras, porque a gente tem fontes de... de conseguir isso mais barato... eu pra mim, acho que as escolas ou a regional podia tá tendo um convênio ou fazendo um grupo junto com essas faculdades, aí, privadas que têm esse tipo de profissionais pra tá ajudando o desenvolvimento das crianças, porque ganha tanto os pais que não têm condições financeiras pra tá trabalhando com essas crianças, né, que necessita desses atendimentos, e ganha os alunos das faculdades aí que estão aí, estão aí... porque eles são um caso de estudo e os pais recebe o atendimento necessário de acordo com necessidade que eles apresentam, né...*

Na condução da entrevista, a entrevistadora pergunta a "C" qual seria, então, o papel da escola para ajudar as famílias dos ANEE no sentido dos mesmos de poderem compartilhar suas experiências. A entrevistada afirma, portanto, que o papel da escola seria o de promover maneiras de socialização dos pais, uma vez que as informações seriam compartilhadas, resultando em um projeto desenvolvido pela escola, e assim, amenizando a carga de responsabilidade que a escola recebe. Em suma, "C" destaca que seria um trabalho que envolveria todos os pais de ANEE.

> "C": *... de ajudar, eu acho assim, de ajudar os pais a conseguirem, porque... a necessidade, o papel seria fazer a socialização desses pais, pra poder, da socialização dos pais, pra poder amenizar um pouco a carga, até mesmo a carga da responsabilidade que a escola recebe, entendeu? Com a ajuda de informações de outros pais, debates, eu acho que seria proveitoso que a experiência de cada pai poderia tá ajudando o grupo todo e a escola de uma forma geral por que os conhecimentos poderiam resultar em um projeto pra tá trabalhando dentro da escola, uma nova visão da escola com esses pais.... Sim... como fosse uma comunidade, um ajudando o outro num contexto de aprendizagem.*

No tocante à relação família-escola, a mãe entrevistada relata que, sendo a escola um ponto comum das famílias, e se colocando no lugar de uma mãe participativa, acha que as crianças com NEE precisam de uma atenção redobrada dos pais, e que a escola requer uma parceria com a família por considerar que conheçam bem seus filhos. Portanto, os pais devem participar mais da vida escolar dos filhos.

> "C": *... ali é aonde que a gente tem um ponto em comum que é a escola, então a escola é o ponto comum daquela família. Agora, minha participação, eu vou falar de mim, né, como família, com relação ao meu filho, eu sou uma mãe muito participativa, eu sou uma mãe que eu acho que essas crianças necessitam de uma atenção redobrada dos pais e a escola necessita de um companheirismo entre pai e escola porque, é... você conhece seu filho mais do que a escola, então você passa dados pra escola de uma forma que a escola também vai poder te ajudar no contexto escolar, né, porque às vezes a escola não tem, é... vou até falar um termo assim... a escola não tem "bola de cristal" pra saber as necessidades do seu filho, então pra mim, a família tem que tá presente, tem que passar as dificuldades sim, mas não jogando a responsabilidade pra escola, ,mas fazendo uma parce..., um conjunto, uma parceria entre escola e família e família e escola, a família, é... busca na escola o que a escola pode dar, porque a família é a primeira, a primeira base é a família, a primeira base, e se a família não tiver estruturada, se a família não tiver, a escola, ela é um contexto, eu pra mim, eu acho assim, que a escola é um contexto, ela não é, ela não vai resolver os seus problemas, ela pode te ajudar em algum... negócio..., mas se a família não tá apta e não está aberta para receber essa ajuda na medida que a escola pode, se torna difícil.*

A entrevistada dá ênfase à sua relação com a escola e justifica sua constante presença por encontrar oportunidade para acompanhar o desenvolvimento do filho. A mesma expressa que busca os seus direitos e cobra a responsabilidade da escola, pois ela procura cumprir com as suas. Ainda afirma que ele seu filho só progrediu como progrediu porque a escola investiu no infante. A entrevistada destaca o acompanhamento dele na aprendizagem e que mantém contato constante com a professora para saber em quais tarefas necessita ajudar. A entrevistada ressalta ainda, a importância da prática do trabalho desenvolvido pela professora que resultou na mudança de comportamento do seu filho.

> "C": *A ... minha relação com a escola, eu posso te falar que eu sou uma mãe muito presente, eu sou uma mãe que busca os direitos do meu filho, corro atrás, mas também busco a responsabilidade da escola, porque se eu ofereço eu acho que a escola também tem que fazer a parte dela... No meu caso a escola ajudou muito, porque ela não desistiu dos momentos, como fosse assim..., elas investiram, elas foram atrás, é... investiu no meu filho, muito, muito. Pra ele chegar onde ele está hoje no ponto que ele, dele fazer duas séries em um ano só, a escola investiu, a escola não desistiu nos momentos mais difíceis, foi em busca do... das condições pra que ele tivesse um bom desenvolvimento dentro da escola.* **...***Oh! meu filho aqui se tranqüilizou depois de trabalhar com jardim, a professora teve a idéia do jardim,mas quer dizer...primeiro as obrigações...Acho que a gente como pai temos que questionar tudo...*

Retomando a questão sobre a relação família-escola, a entrevistadora perguntou à entrevistada sobre as famílias de alunos que não apresentam necessidades educativas especiais, ou seja, queria saber como tais famílias poderiam participar do projeto de socialização idealizado pela entrevistadora. Então, esta última sugere que as mesmas famílias também sejam envolvidas no projeto para conhecer sobre as NEE de tais alunos, uma vez que aqueles pais poderiam dar apoio, esclarecer a seus filhos a condição desses alunos, trabalhar o problema do preconceito e dispensarem a acolhida que os ANEE tanto precisam para se sentirem integrados e se desenvolverem na escola.

> "C": *Eu acho que a escola tá fazendo é... é... reuniões com todos os pais, de todos os alunos, mostrar... é... e mostrar é... ...é...as diferenças de crianças que existe na escola, e as necessidade que cada uma apresenta, expor isso à comunidade escolar, e essa comunidade escolar está ciente né... então, expondo,a...os pais... vão tá ciente e com vai tá sabendo das dificuldades, das necessidades que a escola... e do apoio que a escola vai tá precisando pra poder trabalhar com essas crianças... e...e...e isso facilitaria o desenvolvimento delas dentro do âmbito escolar... É... até da questão da acolhida...porque até a questão também da acolhida, da...do carinho né...? que essas crianças necessitam, da atenção, e da compreensão da...dos outros, da... dos pais e das crianças que... englobam a escola, que participam do...da comunidade escolar.. e do apoio que a escola vai tá precisando pra poder trabalhar com essas crianças... e...e...e isso facilitaria o desenvolvimento delas dentro do âmbito escolar...*

Anterior ao relato acima, a mãe entrevistada destaca a importância da família no processo de escolarização do filho com NEE, e conclui que a parceria entre família-escola é relevante para haja sucesso no desenvolvimento global do aluno.

> "C": *Pra mim, a importância, é que os dois têm que tá junto pro bom desenvolvimento e isso vai ser o benefício que você tá criando pra ele no futuro se desenvolver melhor, não só na escolaridade, mas também no meio social, porque a primeiro... o primeiro grupo social que ele tem, é a escola, então é importante que isso seja feito com muito cuidado, com muito zelo com muita responsabilidade, porque tudo que você vai fazer vai ser benefício, e isso engaja a escola e família e família-escola.*

A mãe entrevistada frisa na entrevista que o grupo de maior convívio social da criança é a escola. Portanto, junto com a família, faz-se importante realizar um trabalho, com responsabilidade e zelo, em prol do beneficio do aluno portador de NEE.

5- DISCUSSÃO TEÓRICA

Para entender a visão que a família do Aluno com Necessidades Educativas Especiais (ANEE) possui da escola e o que espera da mesma enquanto instituição, foram destacadas 4 categorias de análise: família, participação, papel da escola e inclusão. O presente estudo considera que tais categorias representam a maior contribuição do estudo, uma vez que explicitam a visão da família do processo de escolarização do ANEE. As categorias apontadas a seguir serão discutidas a partir das informações construídas por meio da pesquisa de campo e do referencial teórico apresentado anteriormente.

5.1 Inclusão

A entrevistada relata que a instituição de ensino onde seu filho se encontrava excluiu o mesmo da participação de um passeio. Mas, a mãe do mesmo exigiu que ele fosse, pois tinha direito como os demais alunos, uma vez que haveria monitor para acompanhá-lo. Segundo a entrevistada, o filho participou do passeio e se comportou muito bem, e a escola se surpreendeu com o comportamento do mesmo.

> "C": Tive um problema numa escola com relação a isso... então, eu questionei lá ...meu filho tinha direito de ir ao passeio, porque que meu filho não vai? Porque? Sendo que ele tem um monitor só pra ele? Porque que ele não vai? Ele vai sim! E foi e se comportou super bem, foi... super bem...se comportou super bem, e se surpreendeu... e se surpreendeu... da escola se surpreendeu com o comportamento dele. Eu acho que... temos que dá oportunidades as crianças que tem as necessidades,pra ver até que nível eles tem a responsabilidade, nós como pais devemos exigir nossos direitos tanto com a escola...

Conforme o relato expresso anteriormente, a escola tem uma concepção equivocada do que significa inclusão escolar. O relato confirma a necessidade da escola de reestruturação e remodelagem em seus padrões para receber a todos, independentemente de diagnósticos, não de maneira inversa como era anteriormente (a criança tendo que se ajustar aos padrões escolares), mas sim onde a instituição de ensino se adeque em todo complexo organizacional que envolve o processo de inclusão. (PRIOSTE; RAIÇA; MACHADO, 2006, p. 38)

Em outra parte da entrevista, a entrevistadora pergunta a “C” o que sugeriria à escola no que tange à concretização de uma real inclusão escolar para as crianças portadoras de Necessidades Educativas Especiais (NEE). “C” destaca que a escola poderia promover momentos de encontro dos pais de ANNE com os outros pais, visando discutir sobre a diversidade das NEE. Deste modo, as famílias conversariam com seus filhos sobre o respeito e a acolhida necessária aos referidos alunos. Seria, portanto, um trabalho que resultasse num projeto de conscientização desenvolvido com o objetivo de trabalhar o preconceito que essas crianças sofrem na escola.

> “C”: Informação desses tipos de criança, das necessidades que essas crianças precisam, para passar a...tanto os filhos, para que possa cessar também um pouco da... do preconceito que gera dentro da escola pelas, diferenças,então é...
>
> É... até da questão da acolhida...porque até a questão também da acolhida, da...do carinho né...? que essas crianças necessitam, da atenção, e da compreensão da...dos outros, da... dos pais e das crianças que... englobam a escola, que participam do...da comunidade escolar...

No relato de “C” destacado anteriormente, tem-se o aspecto da individualidade de cada ser humano, que sendo um direito inalienável, precisa, acima de tudo, ser respeitado até mesmo pelas questões do convívio com o outro. Para Vygotsky (1984 apud MACIEL; BARBATO, 2010), é na interação social que acontece a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo, processos que são ancorados nas relações sociais do sujeito. Para aquele autor, como essas trocas acontecem é que representará o fator de equilíbrio que o ajudará a superar suas dificuldades e permitirá ao ANEE sentir-se acolhido e respeitado, se desenvolver e interagir socialmente.

5.22 Papel da escola

No que se refere ao papel da escola, “C” enfatiza a importância em ajudar os pais a conseguirem, se sentirem socializados, para amenizar um pouco a carga da responsabilidade deles e a que a escola recebe. “C” sugere ainda que a escola poderia promover debates com outros pais, e acha que seria proveitoso que cada pai falasse de sua experiência para ajudar de forma geral. A entrevistada sugere também que se faça um projeto para trabalhar uma nova visão da escola.

> "C": "de ajudar, eu acho assim, de ajudar os pais a conseguirem, porque... a necessidade, o papel seria fazer a socialização desses pais, pra poder, da socialização dos pais, pra poder amenizar um pouco a carga, até mesmo a carga da responsabilidade que a escola recebe, entendeu? com a ajuda de informações de outros pais, debates, eu acho que seria proveitoso que a experiência de cada pai poderia tá ajudando o grupo todo e a escola de uma forma geral por que os conhecimentos poderiam resultar em um projeto pra tá trabalhando dentro da escola, uma nova visão da escola com esses pais..."

Glat e Duque (2003) afirmam que cabe a escola redimensionar a visão ultrapassada e promover uma integração dialógica e salutar, para tornar seu espaço interessante e motivador, convidativo ao aprendizado significativo do conhecimento e das interações sociáveis e respeitosas. A escola deve promover condições para que a família redimensione sua visão e expectativas quanto ao papel e função da escola.

Para que haja possibilidade da família estabelecer novos conceitos a respeito da escola, Chraim (2009) reforça a necessidade de oportunizar à família que expresse suas dúvidas e ansiedades, para então, em parceria, construírem uma escola inclusiva com ensino de qualidade.

A entrevistadora pergunta à "C"como ocorreu a notícia sobre a deficiência do seu filho. Esta última relata que só começou a perceber a deficiência na idade escolar, e que antes percebia que ele era muito agitado, mas achava que bastava sair com ele para que pudesse gastar sua energia. "C" ainda destaca que a escola, por sua vez, atribuía aquela agitação à família, à falta de controle dos pais, enfatizando que a escola não era preparada para trabalhar com seu filho, resolvendo tirá-lo daquele ambiente e realizando, assim, uma educação dentro do próprio lar.

Neste sentido, Szymanki (2009) relata que os pais consideram que a escola exclui seus filhos por ser autoritária, sem emoções e sem atrações lúdicas, um espaço desinteressante e desmotivador, mas esperam que cumpra o seu papel, que cumpra a sua parte no processo educacional.

5.3 Família

A entrevistadora solicitou a "C" que citasse quantas pessoas faziam parte da família de "N", e esta, por duas vezes, destacou que só moram ela e o filho, e acrescenta: "O pai do "N" não é presente, né, só sou eu né, então mora eu e o "N".

> É... meu nome é Carolina Rodrigues de Macedo, tenho 28 anos, nasci aqui em Brasília, meu estado civil é solteira, minha escolaridade é ensino médio completo, ééé... o pai do "N" não é presente, né, só sou eu né, então mora eu e o N,
>
> Minha mãe, meu padrasto, né..., minha irmã que são as pessoas mais próximas a ele, e eu e meu outro pai...meu pai que ajuda financeiramente, que são as pessoas que tem mais convívio com ele, assim mais próximos... não, mora só eu e o "N". Brasília, risos...
>
> ...o pai do "N" não é presente, né, só sou eu né, então mora eu e o N.

Através do relato em destaque, percebe-se facilmente a estrutura familiar da atualidade. Szymanski (2009, p. 107) apresenta o conceito de família que se estrutura de forma diferente do modelo padrão e desmistifica a idéia de que a criança com NEE não aprende porque a família é "desestruturada" ou porque não recebe atenção e cuidado dos pais. Para aquela autora, a família, hoje, é constituída de pessoas interligadas por laços afetivos que se cuidam mutuamente, e deve ser considerada como educadora, que tem o que transmitir e o que aprender, estando neste pressuposto uma base sólida para estabelecer-se uma parceria escola-família.

> "C": Então eu chego assim: professora, que fo... que, q... como tá o decorrer dele?_ ah tá assim, assim...O que, que eu posso fazer pra eu melhorar? porque a gente como pai, pode mais do que a escola, entendeu ? eu acho, que a escola...que a gente como pai pode...então ... ah! precisamos disso, disso, disso pra trabalhar o desenvolvimento.

"C" ressalta que só quando o filho voltou à escola com 6 a 7 anos, buscou profissionais especializados da área de saúde, pois, por não conseguir trabalhar com ele, a escola cobrou diagnósticos. Com o apoio que a mesma, enquanto família, deu ao filho, faz questão de ressaltar, em seu relato, o desenvolvimento que o infante passou a ter no processo de escolarização.

Neste sentido, é de responsabilidade da escola solicitar o acompanhamento de outros profissionais especializados, visando compreender de maneira apropriada a necessidade diferenciada de cada criança portadora de NEE. Szymanski (2009) enfatiza tal aspecto destacando que a promoção de espaço para orientar as famílias deve ser oportunizado pela escola, bem como a orientação na busca da rede de apoio na área social e de saúde, e que na escola, professores, orientadores educacionais e profissionais da sala de recursos devem orientar os encaminhamentos necessários, estabelecendo uma relação de confiança mútua com a família, o que possibilitaria a quebra de muros discriminatórios e preconceituosos, construindo laços de segurança e confiabilidade, alicerce para fortalecer o elo de participação dos pais na parceria com a escola.

5.4 Participação

A mãe entrevistada se considera muito participativa, e acha que as crianças portadoras de NEE necessitam de uma atenção redobrada dos pais. A entrevistada ainda considera que é preciso um companheirismo entre a escola e a família, pois os pais, em geral, conhecem muito mais o filho do que a própria instituição de ensino, e tem condições de informar aspectos individuais para que seja realizado melhor trabalho com seu filho.

> "C": ...a importância, é que os dois têm que tá junto pro bom desenvolvimento... e isso vai ser o benefício que você tá criando pra ele no futuro se desenvolver melhor, não só na escolaridade, mas também no meio social...
>
> ...então é importante que isso seja feito com muito cuidado, com muito zelo, com muita responsabilidade, porque tudo que você vai fazer vai ser benefício, e isso engaja a escola e família e família-escola.

Este compartilhamento de informações a que "C" faz menção tem fundamento porque ambos, família e escola, tem informações essenciais para otimizar as intervenções necessárias ao desenvolvimento do aluno. Gonzáles et al. (2007, p. 434) afirmam que os pais são os que conhecem melhor o seu filho e também o ambiente em que ele cresce, e que os profissionais são aqueles que conhecem os princípios, as estratégias e os métodos gerais de intervenção.

Para que a família contribua como aliada dos professores, faz-se necessário o conhecimento da realidade da escola, onde é preciso estabelecer um relacionamento de interesse e compromisso com as atividades pertinentes a seu filho, resultando em familiaridade e segurança, possibilitando assim, ao aluno, conviver com as diferenças e se colocar com autonomia diante do grupo.

Para Prioste, Raiça e Machado (2006, p. 69), as relações entre família e escola deverão estar permanentemente em harmonia e colaboração para que o trabalho de inclusão resulte em benefício para todos os envolvidos no processo de inclusão. Freire apud Szimansky (2009, p. 43) acredita que é a relação dialógica que alicerça a participação, afirmando que as trocas realizadas com a família representam a construção de um novo momento na promoção de novos hábitos de participação. Portanto, a escola deve encontrar formas criativas e esclarecedoras para envolver a família a participar do processo de inclusão de seus filhos. O envolvimento de todos, principalmente do ANEE no processo educacional, oportuniza a aprendizagem e apresenta resultados de qualidade significativa. O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP/MEC), com base nos resultados do Sistema Nacional de Avaliação de Educação Básica (SAEB) do ano de 2003, constata que o aluno cuja família participa de forma mais direta no cotidiano escolar, pode apresentar um

desempenho superior em relação aquele onde os pais estão ausentes do seu processo de escolarização.

Gonzáles et al. (2007, p. 433) destacam que a participação ativa dos pais é um elemento essencial para o êxito da intervenção educacional com crianças portadoras de NEE.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa elucida as questões investigadas no tocante ao objetivo proposto: entender como a família observa a escola no processo de desenvolvimento e de aprendizagem do seu filho com necessidades especiais, e como a escola pode promover a integração da família no contexto escolar. As contribuições do presente estudo oportunizaram identificar e conhecer a visão que a família do Aluno com Necessidades Educativas Especiais (ANEE) possui da escola e do processo educacional, ou seja, a ansiedade por participação e por se sentir parte integrante da vida escolar de seus filhos.

Szymanski (2009, p.123) afirma que a família tem em seu imaginário o ideal de como deve ser sua participação na escola, mas se vê impedida diante dos preconceitos que considera existir na realidade escolar que, por ser autoritária, destituída de atrações lúdicas, um espaço desinteressante e desmotivador, exclui seus filhos; mas, ao mesmo tempo, esperam que a escola cumpra a sua parte no processo educacional a que se propõe.

Conforme o exposto, conclui-se que está na responsabilidade da escola a promoção, com base no diálogo e na valorização da história de vida de cada sujeito constitutivo do processo de inclusão, de ações integradoras que propiciem a relação família-escola. A respeito da necessidade preeminente da reestruturação do modelo educacional vigente que propicie a real inclusão fazendo valer os direitos legais e o respeito às diferenças individuais, identifica-se que o ensino mediado pelo professor deve ser criativo, visando atender as necessidades individuais presentes na sala de aula.

Como sugerido pela mãe entrevistada na pesquisa, as famílias dos demais alunos também devem receber orientações esclarecedoras para que se sintam sujeitos participantes do processo, aspecto que, para aquela entrevistada, reduziria o alto índice de desrespeito aos ANEE nas escolas e na sociedade. Freire (apud SZIMANSKY, 2009, p. 43) considera que tal participação dialógica representa um novo momento para a prática educativa libertadora, tão necessária e indispensável à formação do sujeito autor e construtor do seu desenvolvimento e da sua aprendizagem.

Para finalizar, é preciso refletir a respeito dos aspectos enumerados na presente análise, e não apenas nestes, mas em todos os fatores que podem e devem ser construídos com o fim de promover educação de qualidade, de promover uma escola onde todos se envolvam com o processo do desenvolvimento e da aprendizagem do aluno, realizando a inserção produtiva do indivíduo na sociedade.

Marques (2001 apud GONZALEZ, 2007) idealiza que a escola deste século deve ter como função social estimular o potencial do aluno diante das diferenças; deve estimular e fomentar diferentes níveis de desenvolvimento: físico, afetivo, moral, cognitivo, da personalidade, promovendo o desenvolvimento da consciência cidadã e da ação política, objetivando cumprir efetivamente seu papel.

No presente estudo, não existe a pretensão de concluir todos os aspectos educacionais e legais que compõem a pesquisa, mas sim, despertar para a urgência de criar-se uma escola acolhedora; uma escola em que o diferente encontre espaço para conviver com o outro também diferente; uma escola onde os profissionais tenham a oportunidade de refletir a respeito das concepções de educação; uma escola onde os alunos se reconheçam como autores da sua aprendizagem; enfim, uma escola onde pais se sintam acolhidos e orientados a cooperarem com o processo educativo de seus filhos, realizando, assim, a real participação de família no processo de escolarização dos ANEE.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fátima. **Inclusão:** muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.

ANGELUCCI, Carla Biancha. **Uma inclusão nada especial.** Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Declaração de Salamanca sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. 7-10 de Junho de 1994.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2010.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei n°. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 nov. 2010.

CHRAIM, Albertina de Mattos. **Família e escola:** a arte de aprender para ensinar. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2010.

GLAT, Rosana; DUQUE T, Maria Auxiliadora. **Questões atuais em educação especial. Convivendo com filhos especiais:** O Olhar Paterno. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2003.

GLAT, Rosana; MÜLLER, Tânia Maria Pedroso. **Uma professora muito especial.** Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2007.

GONZALEZ, Eugenio et al. **Necessidades educacionais específicas:** intervenção psicoeducacional. Porto Alegre: Editora Artmed, 2007.

GONZALEZ REY, Fernando Luiz. **Pesquisa qualitativa em Psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Tomson Learning, 2002.

MACIEL, Diva Albuquerque; BARBATO, Silviane. (Org.). **Desenvolvimento humano, educação e inclusão escolar.** 1. ed. Brasília: Editora UnB, 2010.

MADEIRA-COELHO, Cristina M. Concepções sobre o processo de inclusão: a expressão de seus atores. **Revista Linhas Críticas**, v. 9, n. 16, p. 87-104. Faculdade de Educação. Universidade de Brasília. Brasília, dez. 1995.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar:** O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Editora Moderna, 2003.

MIRANDA, Sônia. G. Inclusão em debates: Das políticas ao currículo da escola. **Revista Cadernos de Educação Especial.** Santa Maria, RS. Editora UFSW, N. 13, 1999.

MARTINEZ, A. M. Criatividade no trabalho pedagógico e criatividade na aprendizagem – Uma relação necessária? In: TACCA, Maria Carmen V. R. (Org.). **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Alínea, 2006.

PRIOSTE, Cláudia; RAIÇA, Cláudia; MACHADO, Maria Luiza Gomes. **Dez questões sobre a educação inclusiva da pessoa com deficiência mental**. São Paulo: Avercamp, 2006.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação da família/escola:** desafios e perspectivas. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2009.

VYGOSTSSY, L. S. (1997) Obras escogiadas V. Fundamentos de Defectologia.Cidade de La Habana.Editorial Pueblo Educación.

WEBER, Lidia; DESSEN, Maria Auxiliadora. **Pesquisando a família:** instrumentos para coleta e análise de dados. Curitiba: Juruá. 2009.

Bibliografia consultada:

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Participação dos pais ajuda no desempenho escolar da criança.** 24 de julho de 2004. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/imprensa/notícias/saeb>. Acesso em 11 nov. 2010.

CHIOVATTO, Milene. **O professor mediador.** Boletim n°. 24, Out./Nov. 2000.

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos; PIRES, José; PIRES, Gláucia Nascimento da Luz; MELO, Francisco Ricardo Lins Vieira. **Inclusão:** compartilhando saberes. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

WEIL, Pierre. **A criança, o lar e a criança.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Roteiro da Entrevista

Parte I

Dados iniciais- informações acerca do entrevistado:

Nome, idade, cidade em que nasceu.

Estado civil, nº de pessoas na família/casa

Escolaridade, profissão

Parte II

Dados iniciais – Informações acerca da família

Idade do pai, da mãe, outros filhos.

Data de nascimento e posição da criança na família.

Estrutura familiar anterior ao nascimento do filho com NEE:

Como o casal e os demais sujeitos estavam organizados,

Quantas pessoas moravam na casa.

Planejamento familiar, desejo de ter o filho.

Situação social e econômica.

Gravidez da mãe

Cuidados e acompanhamento pré-natal.

Desenvolvimento da gestão e registro de situação significativa nesse período.

Parto:

Condições da criança.

Informações quanto ao peso, comprimento.

Saúde em geral.

A notícia sobre a deficiência de seu (sua) filho(a):

Como e quando ocorreu.

Quem deu a informação aos pais.

Reação dos membros da família.

A ida á escola:

Sobre a relação familiar-escola em termos ideais.

Como deveria ser.

Como foi a reação da criança e da família.

Parte III

Sobre a relação família-escola em termos ideais:

Como deveria ser.

Qual deveria ser o papel da escola.

Qual deveria ser o papel da família.

Sobre a relação família-escola em termos reais:

Como é.

O que a escola faz.

O que a família faz.

APÊNDICE B

Transcrição da entrevista da mãe do "N" – Data: 17 de dezembro de 2010

Entrevistadora: Boa tarde, senhora 'C", mãe do aluno "N",é um prazer você está aqui com a gente participando ...comigo né ... desse trabalho,dessa pesquisa.Muito obrigada por você está aqui, viu?

Entrevistada: O prazer é meu né...espero que essa pesquisa ajude não só o meu filho,mas á todos que tem necessidades especial, e que abra também os olhos dos profissionais pra que eles possam ser inseridos no contexto social e a escola faz o papel fundamental,porque é... é o principio de tudo,é o principio... é o início que eles precisam para tá tendo um bom desenvolvimento no meio social,no meio...tanto social de convivência ,mas também profissional,na,área...

Entrevistadora: Muito bom!Então vamos lá! A primeira parte da pesquisa é...fala sobre os dados é...sobre as informações de... a...do...do...da família no caso você é a mãe né... é...você vai... pode dizer pra gente aqui ,o no nome...pra mim ... nome,a idade...a sua idade, a cidade que nasceu, estado civil,número de pessoas na sua casa,e...escolaridade e profissão...

Entrevistada: É...meu nome é Carolina Rodrigues de Macedo, tenho 28 anos, nasci aqui em Brasília, meu estado civil é solteira, minha escolaridade é ensino médio completo, éé... o pai do "N" não é presente, né, só sou eu né, então mora eu e o N, né..., a data de nascimento dele seria nove do 12 de 199 e....a minha né? Então a minha data é 21 do 02 de 1982, a data do nascimento de "N" é dia 9 do doze de 1999, é... minha profissão... sou dona de casa,sou mãe né..., eee... O pai dele não é presente,então minha família, ajuda no contexto social, tanto financeiro,como contexto de família...

Entrevistadora: A família que você fala...quais são as pessoas da família?

Entrevistada: Minha mãe, meu padrasto, né..., minha irmã que são as pessoas mais próximas a ele, e eu e meu outro pai...meu pai que ajuda financeiramente, que são as pessoas que tem mais convívio com ele, assim mais próximos... não, mora só eu e o "N". Brasília, risos...

Entrevistadora: E você mora... você e o "N" ou você mora com sua mãe?

Entrevistada: Não,mora só eu e o"N".

Entrevistadora: E a cidade que você nasceu ? Você esqueceu de falar !

Entrevistada: Ah!!! Brasília... risos!

Entrevistadora: Então tá !Agora eu quero... eu gostaria que você falasse sobre... eu quero algumas informações sobre a idade do pai, né... e o... a sua idade e outros filhos, e também é... a posição do "N" do... na família, é primeiro ,segundo,terceiro...?

Entrevistada: Ah Tá, então tá... É... Falando sobre o pai, né... o pai dele mora em Fortaleza, ... tem trinta sete anos né,não é...não participa do contexto do N, é..o N é o primeiro neto, e o filho único, então ele é muito amado,muito assim...ele não foi tão desejado,porque foi uma gravidez de.. inesperada, mas, ele é... foi... ele é uma pessoa muito amada, ele é primeiro neto, é o xodó tá ... da vó, da mãe, mas quando também precisa de uma firmeza a gente dá uma...

Entrevistadora: A idade dele, a data de nascimento?

Entrevistadora: Ele tem onze ele tem onze anos,no...ele nasceu no dia nove do doze de 1999.

Entrevistadora: Fez agora ... onze anos...tá bom!

Entrevistadora: Então olha só...outra coisa é sobre a ...a estrutura familiar anterior ao nascimento do... do 'N'. Assim... Como é que o casal, e... e as outras pessoas né... as pessoas da família estavam organizadas no...no...antes...,antes do nascimento...

Entrevistada: No contexto antes né?

Entrevistadora: Antes do nascimento do "N"?

Entrevistada: Não oh!... Eu morava num sítio com minha mãe, meu padrasto, meus dois irmãos, então assim... nunca vivi com o pai do Natan, assim de morar junto, então foi uma coisa muito inesperada, foi um acontecimento que a gente não tava... uma gravidez que a gente não tava esperando.

Entrevistadora: Era seu namorado assim de muito tempo?

Entrevistada: Era, era meu namorado, sabe ...não,não era de muito, muito tempo não, mas ele participava da família, então minha mãe conhecia, meu padrasto conhecia, então todo mundo... tinha um envolvimento, todo mundo se conhecia, entendeu ? Eu morava ainda com meus pais, e eu tinha apenas dezessete anos, então, não tinha uma maturidade ainda pra assumir uma relação assim... então com a minha gravidez, assim...não foi uma gravidez planejada, mas foi um...mas quando soube que tava grávida, foi bem visto, bem amado, bem desejado, aí começou bem esperado...

Entrevistadora: E situação social e econômica de vocês na época?

Entrevistada: Social a gente sempre teve né, porque a gente era uma família bem... bem relacionada, bem entrosada, mas financeiramente tinha uns apertinhos né, não era , gente poderia ser considerada família médio, média, né, mas assim, ah! era uma família boa, eu gostava... eu gostava da relação família e... a família era boa, sim... mas assim a gente preservava...

E:ntrevistadora: E é aqui Brasília mesmo?

Entrevistada: Não fortaleza, ele é de lá, o "N" é de Fortaleza, então a gente assim... a gente valorizava ... a gente valoriza até hoje muito a família.

Entrevistadora: No caso você já nasceu aqui, depois foi pra Fortaleza conheceu o namora... o pai do "N"?

Entrevistada: Morei em Fortaleza dez anos, eu nasci aqui, sai daqui com sete anos, depois fui pra Governador Valadares, morei cinco anos, quando cheguei em Fortaleza, eu devia ter uns doze, depois com dezessete foi que eu conheci o pai do "N".

Entrevistadora: Novinha né? Então olha só...agora

Entrevistada: Até hoje ninguém acredita que eu sou mãe do N ... risos...

Entrevistadora: Risos...Mas é né ? Então agora eu quero... eu queria que você falasse da gravidez,tá ? a gravidez... os cuidados e acompanhamento se houve,realmente todos os cuidados,acompanhamento, e...e sobre esse desenvolvimento, da gestação,assim... se teve assim um reg... se houve algum registro,se você guarda alguma... coisa que foi bem significativa, uma situação bem significativa nesse período?

Entrevistadora: Tá... mas assim... pra ... tá, mas assim pra,pra o desenvolvimento dele?

Entrevistadora: É...Eu fiquei sabendo que tava grávida com quatro meses, eu não tinha barriga, Natan desenvolveu todos no quadril, né... não assim,não aparentava gravidez, então assim... fiquei sabendo que tava com quatro meses,porque minha mãe me levou no ginecologista,fizemos o teste, e aí deu positivo, é...a partir dos quatro meses até o nono ele teve total acompanhamento...

Entrevistadora: Mas sua mãe te levou no endo... no ginecologista porque você reclamou de alguma coisa?

Entrevistada: Não, porque ela, ela já tava desconfiada que eu tava grávida, né, pelas mudanças que ocorreu, eu não...eu comia pouquinho, de repente comecei a comer muito, é...a questão dos... crescimento dos seios, essas mudanças que a gravidez traz, minha mãe começou a desconfiar,então ela levou pra... no médico pra ter a certeza né... mas aí, o que aconteceu,aí eu... nesse período, minha mãe ,ele teve todos acompanhamentos necessário, que foi o pré natal dos quatro mês ao nono mês né ... é ...é...na..é pré natal, toda assistência necessária, alimentação mudou, comportamento mudou, to... ess... todo esse processo teve, até assim... quando descobri que tava grávida , eu tive até um...um assim... um medo, um receio com relação a minha família, então eu fugi de casa, acho que foi essa parte que me marcou mesmo, foi minha ida.. saída de casa né, que desestruturou a família totalmente né, mas aí a persistência dos meus pais ...do meu padrasto e da minha mãe, de que eu voltasse que ia ser bem recebida e tuda... acho que essa foi a parte que mais assim, me...

Entrevistadora: Que marcou, marcou, né?

Entrevistada: Marcou nesse período...

Entrevistada: Mas...

Entrevistada: Mas, aí o desenvolvimento foi bem, a família aceitou, né ...minha mãe me deu todo apoio...

Entrevistadora: Acompanhamento médico ...

Entrevistada: Não...acompanhamento médico ele teve todos,até um...

Entrevistadora: Sempre médico falava que tava tudo bem!

Entrevistada: Não, tudo bem...não tudo bem, minha gravidez foi... foi assim...tranqüila,não teve ...não teve assim danos assim que a gente pode falar que ocasionasse... foi tranqüila.

Entrevistadora: E o...no parto, as condições da criança no parto,como é que foi, e o peso...

Entrevistada: Ah tá ... eu lembro...

Entrevistadora: O cumprimento, a saúde dele no geral?

Entrevistada: Não... o parto foi rapidíssimo né, quando chequei no hospital fiz exames necessários, mas quando sai pra sala de parto, que eu sai da enfermaria pra ir sala de parto, ele já tava coroando, então... foi rapidinho, dois minutos, meu médico falou até que... já tava bom pra ter outro menino ... risos...que foi uma gravidez tranqüila ,acompanhamento tranqüilo,ele nasceu com 1,220, não 2,220 né... com 1,46 cms,não... com 46cms...46cms ,com 2 quilos e 110.

Entrevistada: Puxa...isso a onze anos atrás...

Entrevistadora: E a saúde tava ...

Entrevistada: Tava boa... eu...ele nasceu sete horas e cinqüenta e cinco, cinco horas da tarde eu já tava saindo do hospital.

Entrevistadora: Então... olha só... e aí você falou que a saúde dele já... tudo bem, né? E assim sobre notícia assim do ...do... do... ... da deficiência dele, do...da necessidade especial dele, como é que ocorreu?

Entrevistada: Ocorreu que assim, por ser uma síndrome nova né, essa necessidade dele ser nova, a gente não tinha um conhecimento, então a gente é ...ele, a gente só percebeu essa necessidade na...quando ele já tava com 3 anos, com a necessidade escolar, né, que a gente já via que ele era muito agitado, que a gente via que ele precisava sair mais vezes pra gastar energia que ele tinha né... então essa...sim ... a despertar que ele teria alguma dificuldade nessa área foi na idade escolar, que ele começou estudar com 3 anos de idade né... então aí... a partir daí a gente começou a obter algumas...observar algumas coisas, mas até então a gente não sabia qual seria essa necessidade...

Entrevistadora: Ah, então ninguém deu informação não, vocês perc...foram percebendo?

Entrevistada: É porque... por não ter conhecimento né... na área tanto escolar como na área de saúde, por não ter conhecimento dessa síndrome que hoje a gente sabe que ele tem, então assim passou despercebido, porque assim o pessoal confunde muito a síndrome com comportamento, então assim a diversidade do comportamento dele então era atribuída aos pais, a falta de educação dos pais, a falta de controle dos pais, então a gente começou a perceber isso na idade escolar, até então antes disso, a gente não...só percebia que ele era uma criança mais agitada, e que precisaria de... né, de atividades físicas, tudo mas não nesse quesito da necessidade especial dele.

Entrevistadora: Aí... assim... depois que vocês foram percebendo, qual foi a reação... a reação de vocês ... a reação dos membros da família?

Entrevistada: Ah! a gente agiu naturalmente, né assim, fomos procurar a...porque até então, até... antes de chegar a Brasília ,porque até aos 3, 4 ele anos ele morava em fortaleza ,então a gente não se atinou muito pra área de saúde,a gente trabalhou conforme disciplina questão de organização, atividades físicas, mas a gente nunca não levou pra esse lado da área de saúde, então até...até aos 4 anos, até e quando a gente chegou aqui, a gente chegou aqui ele ia completar cinco anos né... a gente chegou dia 3 de novembro, ia completar cinco anos dia nove de dezembro, então assim, a gente não levava pra isso, a gente só começou a perceber da necessidade de estudo dele na área de saúde, depois que a gente já estava em Brasília, ele com 7 anos ... com 6 pra 7 anos de idade, entendeu, que ele começou ir na escola, a escola começou a cobrar, um...uma questão de... da área de saúde, tipo psiquiatra, psicólogo, remédio essas coisas... porque eles não tavam dando conta do "N" na escola.

Entrevistadora: Ah! Então...aí...a... a...agora você va... é..é... cê já entrou no mérito da escola né ? na parte aí que fala aí da escola, mas...como e quando ocorreu né? cê já falou da ... quando foi... e como foi a reação dele na escola e como foi a reação da família?

Entrevistada: Ah! Quando a gente começou a descobrir esses distúrbio...

Entrevistadora: Você falou que ele foi com três anos?

Entrevistada: Com três anos na escola... inté que com quatro anos...porque o Natan além de ser muito agitado e as pessoas não saberem dar atenção, assim ...por cérebro dele trabalhar, que hoje a gente sabe, muito rápido e as

pessoas não entender que isso era um desenvolvimento tava...ele cabava se irritando, então passava do..do... da oscilação de humor que ele tem, então ele passava da criança, aquela criança agitada, mas pela falta de entendimento dos profissionais da área de educação que ele trabalhava, e,além dessa agitação causava falta de humor, oscilação e humor dele, porque, por ele não ser compreendido então, trazia essa oscilação de humor, então ele tava bem aqui, de repente ele tava agressivo, então, isso socialmente trouxe uma desvantagem pra ele, então ,como os profissionais achavam? Achavam que era responsabilidade dos pais, que os pais não educavam, que ...não, não levavam pelo lado da síndrome...

Entrevistadora: Não sabiam... Não tinham conhecimento...

Entrevistada: Não tinham conhecimento, então, mas eles julgavam como a área... era falta de educação, que era pela a área do comportamento, por não ter o conhecimento do..do... da síndrome que ele apresentava.

Entrevistadora: E...e aí o que a família fez?

Entrevista: Aí, aqui, a gente foi correr atrás de profissionais, psiquiatras, que até então a gente não sabia, mas aí como eu me mudei de Fortaleza pra cá, então aqui, me deu, em Brasília me deu um campo grande pra correr atrás de profissionais...

Entrevistadora: Ah... e ele começou estudar em Fortaleza...foi pra escola primeiro foi em Fortaleza?

Entrevistada: Foi em Fortaleza, porque como ele foi de 3 a 4 anos, aí como o pessoal escola achou melhor que ele não continuasse na escola, aí o que a gente fez? A gente tirou, minha mãe como é professora, começou a trabalhar com ele na área...na área da educação dentro de casa né, aí que tá importância da família,né, que tá dando o apoio pra ele dentro de casa, já que no instituto né, na escola ele não conseguiu o apoio que ele precisava, a gente começou a trabalhar com ele dentro de casa, então quer dizer, até os 4 anos e mesmo assim chegando em Brasília a gente ainda encontrou muita dificuldade, muita dificuldade pelos profissionais não estarem adequados, é ... preparados pra trabalharem com ele dentro da... da escola, dentro das necessidades que ele requisitava.

Entrevistadora: Então, já que você tá aí falando sobre... é... é...a...falando sobre a falta de preparo né? Você pode falar sobre a relação família escola em termos ideais?

Entrevistada: Olha, eu acho que... pra mim, a escola ela devia, é... pesquisar ou buscar pessoas, aliás, se aliar com por exemplo...

Entrevistadora: No caso do atendimento do seu filho, seu filho com a necessidade... deixa eu fazer uma pergunta, assim: eu queria saber, assim, que você falasse qual a deficiência do seu filho, qual é o diagnóstico?

Entrevistada: Ó... o diagnóstico dele é TDAH, o que ta fechado é DTAH, só que o caso dele não tem só o TDAH, a gente ta, é... ta sendo estudado ainda com o diagnóstico ainda aberto, que ele pode ter bipolaridade, né, então é nesse caso... são duas... o de TDAH foi fechado, dois diagnósticos, o de TDAH foi fechado, agora a gente ainda tá estudando pra ver porque tanta oscilação de humor que ele tem quando ele é contrariado, quando ele... mas aí também vem muito da família, entendeu... acho que também vem muito da questão dos pais permitir ou não permitir, pra que não se torne... não deixe que a síndrome se torne um empecilho para que outros profissionais possa estar se assegurando... agora, o meu ideal seria que dentro da escola, porque é o primeiro, primeiro social que eles fazem, assim, primeiro social é a escola, né, e a gente tá vendo aí que cada dia mais, tá crescendo mais...

Entrevistadora: Como deveria ser?

Entrevistada: Então, assim, o que eu acho é o seguinte, é... a gente tá vendo aí que cada vez mais tá havendo, essa síndrome nova, tá aparecendo, eu acho que a escola por ser o primeiro núcleo social que eles têm devia fazer com que os pais... porque cada um tem um nível social diferente e conhecimentos diferente, eu acho que a escola poderia ta abrindo espaço para que esses pais possam tá expondo a sua... a sua... convivência, a sua experiência de vida diante dessas necessidades, porque quando forma um grupo com as mesmas necessidades, com os mesmos... com conhecimentos diferentes que possa agregar isso, porque às vezes tem um conhecimento que a outra não tem, mas que aquele conhecimento que eu tenho possa ta beneficiando aquela mãe que não tem, né, tipo... é... a questão dos psicólogos, as questões dos psiquiatras, porque a gente tem fontes de... de conseguir isso mais barato... eu pra mim, acho que as escolas ou a regional podia tá tendo um convênio ou fazendo um grupo junto com essas faculdades, aí, privadas que têm esse tipo de profissionais pra tá ajudando o desenvolvimento das crianças, porque ganha tanto os pais que não têm condições financeiras pra tá trabalhando com essas crianças, né, que necessita desses atendimentos, e ganha os alunos das faculdades aí que estão aí, estão aí... porque eles são um caso de estudo e os pais recebe o atendimento necessário de acordo com necessidade que eles apresentam, né...

Entrevistadora: E aí você fala que a escola, é... o papel da escola seria, é... qual nesse sentido aí, nisso que você tá falando?

Entrevistada: de ajudar, eu acho assim, de ajudar os pais a conseguirem, porque... a necessidade, o papel seria fazer a socialização desses pais, pra poder, da socialização dos pais, pra poder amenizar um pouco a carga, até mesmo a carga da responsabilidade que a escola recebe, entendeu? com a ajuda de informações de outros pais, debates, eu acho que seria proveitoso que a experiência de cada pai poderia tá ajudando o grupo todo e a escola de uma forma geral por que os conhecimentos poderiam resultar em um projeto pra tá trabalhando dentro da escola, uma nova visão da escola com esses pais...

Entrevistadora: Então, você fala assim, uma família, uma família na escola ajudando outra família...

Entrevistada: Sim... como fosse uma comunidade, um ajudando o outro num contexto de aprendizagem.

Entrevistadora: Então tá. Agora, e sobre a família, a relação família-escola em termos reais, né, porque você falou do ideal, né, dessa necessidade de que, de uma família tem, de um conhecimento que uma família tem, que a outra não tem, que a escola...

Entrevistada: Porque é o núcleo social, ali você vê que são vários níveis sociais, então ali, ali é aonde que a gente tem um ponto em comum que é a escola, então a escola é o ponto comum daquela família. Agora, minha participação, eu vou falar de mim, né, como família, com relação meu filho, eu sou uma mãe muito participativa, eu sou uma mãe que eu acho que essas crianças necessitam de uma atenção redobrada dos pais e a escola necessita de um companheirismo entre pai e escola porque, é... você conhece seu filho mais do que a escola, então você passa dados pra escola de uma forma que a escola também vai poder te ajudar no contexto escolar, né, porque às vezes a escola não tem, é... vou até falar um termo assim... a escola não tem "bola de cristal" pra saber as necessidades do seu filho, então pra mim, a família tem que tá presente, tem que passar as dificuldades sim, mas não jogando a responsabilidade pra escola ,mas fazendo uma parce..., um conjunto, uma parceria entre escola e família e família e escola, a família, é... busca na escola o que a escola pode dar, porque a família é a primeira, a primeira base é a família, a primeira base, e se a família não tiver estruturada, se a família não tiver, a escola, ela é um contexto, eu pra mim, eu acho assim, que a escola é um contexto, ela não é, ela não vai resolver os seus problemas, ela pode te ajudar em algum... negócio..., mas se a família não tá apta e não está aberta para receber essa ajuda na medida que a escola pode, se torna difícil.

Entrevistadora: Aí você tava falando da sua relação, né, na escola...

Entrevistada: A... minha relação com a escola, eu posso te falar que eu sou uma mãe muito presente, eu sou uma mãe que busca os direitos do meu filho, corro atrás, mas também busco a responsabilidade da escola, porque se eu ofereço eu acho que a escola também tem que fazer a parte dela...

Entrevistadora: É... aqui fala... é... nessa é... nessa parte aqui fala o que a escola faz? Você tá falando que você busca a escola, que você é uma mãe presente, e aí...

Entrevistada: No meu caso a escola ajudou muito, porque ela não desistiu dos momentos, como fosse assim..., elas investiram, elas foram atrás, é... investiu no meu filho, muito, muito. Pra ele chegar onde ele está hoje no ponto que ele, dele fazer duas séries em um ano só, a escola investiu, a escola não desistiu nos momentos mais difíceis, foi em busca do... das condições pra que ele tivesse um bom desenvolvimento dentro da escola. Eu posso falar, eu posso citar o nome da escola?

Entrevistadora: Pode...!

Entrevistada: Posso... então assim, a Escola Classe 316 Norte pra mim, no meu caso teve uma importância significativa e os profissionais que aqui trabalham também, porque não desistiram na, na maior dificuldade que a gente teve que foi a adaptação dele, não desistiram e eu acho isso muito importante, sabe, eu acho muito importante e que também os profissionais que, tipo, a regional que também faz parte do contexto escolar também, foi em busca, mas ó... a gente batalhou muito, corremos muito atrás, fomos, sabe... é... a diretora, a orientadora, entendeu, foi atrás dos direitos dele e conseguiram.

Entrevistadora: E a participação sua no processo aí, desse processo de desenvolvimento, de aprendizagem do seu filho?

Entrevistada: É aquele contexto, tá em busca, né, também estar ajudando, apoiando as... as... apoiando a escola nas necessidades, entendeu, trazendo os laudos, é... os laudos médicos que foram solicitados pra tá desenvolvendo, indo atrás de profissionais também... teve aqui que eu também abri um processo pra, pra escola, pra ajudar a escola a ter profissionais dentro da secretaria de saúde, ou... de educação, entendeu? A minha importância é... respaldar a escola com o que eu posso, tanto na área de saúde que são os requisitos básicos que eles precisam que são os laudos médicos, e apoiar a escola e... na... na formação do que elas acham que tá adequado à necessidade do meu filho, muito mais do que a escola...

Entrevistadora: E a aprendizagem?

Entrevistada: Então eu chego assim: professora, que fo... que, q... como tá o decorrer dele?_ ah tá assim, assim...O que, que eu posso fazer pra eu melhorar? porque a gente como pai, pode mais do que a escola, entendeu ? eu acho, que a escola...que a gente como pai pode...então ... ah! precisamos disso, disso, disso pra trabalhar o desenvolvimento. Oh! Meu filho aqui se tranqüilizou depois de trabalhar com jardim, a professora teve a idéia do jardim, mas quer dizer... primeiro as obrigações...Acho que a gente como pai temos que questionar tudo...professores, diretores, porque que vai fazer isso, porque que não vai fazer ...tive um problema...vou relatar um caso aqui pra você. Tive um problema na escola parque com relação a isso... porque a escola parque não tem o convívio com a escola classe, então, eu questionei lá ...meu filho tinha direito de ir ao passeio,porque que meu filho não vai? Porque? Sendo que ele tem um monitor só pra ele? Porque que ele não vai? Ele vai sim! E foi e se comportou super bem, foi... super bem...se comportou super bem, e se surpreendeu... e se surpreendeu... e o pessoal da escola parque se surpreendeu com o comportamento dele. Eu acho que... temos que dá oportunidades as crianças que tem as necessidades,pra ver até que nível eles tem a responsabilidade, nós como pais devemos exigir nossos direitos tanto com a escola... e não achar que a escola tem só a obrigação, que nós temos mais obrigações que do que a escola, que nós somos responsáveis por eles, então, eu acho que responsabilidade de dividi escola, tanto da escola que em correr atrás em busca de benefício que é direito desses alunos que tão ingressados dentro da escola...

Entrevistadora: E a aprendizagem?

Entrevistada: _... Ali é aonde que a gente tem um ponto em comum que é a escola, então a escola é o ponto comum daquela família. Agora, minha participação, eu vou falar de mim, né, como família, com relação ao meu filho, eu sou uma mãe muito participativa, eu sou uma mãe que eu acho que essas crianças necessitam de uma atenção redobrada dos pais e a escola necessita de um companheirismo entre pai e escola porque, é... você conhece seu filho mais do que a escola, então você passa dados pra escola de uma forma que a escola também vai poder te ajudar no contexto escolar, né, porque às vezes a escola não tem, é... vou até falar um termo assim... a escola não tem "bola de cristal" pra saber as necessidades do seu filho, então pra mim, a família tem que tá presente, tem que passar as dificuldades sim, mas não jogando a responsabilidade pra escola ,mas fazendo uma parce..., um conjunto, uma parceria entre escola e família e família e escola, a família, é... busca na escola o que a escola pode dar, porque a família é a primeira, a primeira base é a família, a primeira base, e se a família não tiver estruturada, se a família não tiver, a escola, ela é um contexto, eu pra mim, eu acho assim, que a escola é um contexto, ela não é, ela não vai resolver os seus problemas, ela pode te ajudar em algum... negócio..., mas se a família não tá apta e não está aberta para receber essa ajuda na medida que a escola pode, se torna difícil. A... minha relação com a escola, eu posso te falar que eu sou uma mãe muito presente, eu sou uma mãe que busca os direitos do meu filho, corro atrás, mas também busco a responsabilidade da escola, porque se eu ofereço eu acho que a escola também tem que fazer a parte dela...

Entrevistadora: Para finalizar você fala assim... é... a importância mesmo da... a importância da família né, no processo de escolarização do filho com necessidade especial.

Entrevistada: Pra mim, a importância, é que os dois tem que tá junto pro bom desenvolvimento e isso vai ser o benefício que você ta criando pra ele no futuro se desenvolver melhor, não só na escolaridade, mas também no meio social, porque a primeiro... o primeiro grupo social que ele tem, é a escola, então é importante que isso seja feito com muito cuidado, com muito zelo com muita responsabilidade, porque tudo que você vai fazer vai ser benefício, e isso engaja a escola e família e família-escola.

Entrevistadora: Muito bom! Muito obrigada mais uma vez!

Beijo!!!

Continuação da entrevista, dia 12 de fevereiro de 2011

Entrevistada: Boa tarde "C", boa tarde " C".

Entrevistada: Boa tarde !

Entrevistadora: Então... aqui só retomar algumas questões da entrevista que...que é...que você...é PR você falar sobre a questão dos pais, dos...dos alunos que não tem necessidades especiais...é...o que você acha des...dessa...des..desses pais, o que poderia ser feito, eles poderiam fazer alguma coisa, eles poderiam ser envolvidos nesse...tal projeto que você sugeriu de...de... dos pais que tem é...a...é...alunos com necessidades especiais, se reunirem e...e...passarem suas experiências?

Entrevistada: Informação desses tipos de criança, das necessidades que essas crianças precisam, para passar a...tantos os filhos, para que possa cessar também um pouco da... do preconceito que gera dentro da escola pelas, diferenças,então é...

Entrevistadora: Tá... e você poderia dá algum exemplo,alguma sugestão de como fazer isso?

Entrevistada: Eu acho que no primeiro dia de aula... no primeiro dia de aula não...na...no decorrer do ano a escola tá fazendo é... é... reuniões com todos os pais, de todos os alunos, mostrar... é... e mostrar é... o ni...é...as diferenças de crianças que existe na escola, e as necessidade que cada uma apresenta, expor isso à comunidade escolar, e essa comunidade escolar está ciente né... então, expondo,a...os pais... vão tá ciente e como vai, tá sabendo das dificuldades, das necessidades que a escola... e do apoio que a escola vai tá precisando pra poder trabalhar com essas crianças... e...e...e isso facilitaria o desenvolvimento delas dentro do âmbito escolar...

Entrevistadora: Até assim... a questão da acolhida também?

Entrevistada: É... até da questão da acolhida...porque até a questão também da acolhida, da...do carinho né...? que essas crianças necessitam, da atenção, e da compreensão da...dos outros, da... dos pais e das crianças que... englobam a escola, que participam do...da comunidade escolar...

Entrevistadora: Tá bom...! Valeu... muito obrigada! Era só isso que tava querendo... precisando pra completar a entrevista, tá? Muito obrigada!

Entrevistada: De nada! Risos... Boa tarde!

APÊNDICE C

Quadro utilizado para organização dos dados na formação das categorias-síntese da entrevista

Categoria	Temas	Verbalizações
Família	Direito da família	Eu acho que... temos que dá oportunidades às crianças que têm as necessidades
	Direitos e responsabilidade família-escola	Nós, como pais, devemos exigir nossos direitos tanto com a escola... e não achar que a escola tem só a obrigação, que nós temos mais obrigações que do que a escola, que nós somos responsáveis por eles, então, eu acho que responsabilidade de dividi com a escola.
	Participação da família na escolarização do ANEE	Pra mim, a importância, é que os dois têm que tá junto pro bom desenvolvimento e isso vai ser o benefício que você tá criando pra ele no futuro se desenvolver melhor, não só na escolaridade, mas também no meio social, porque o primeiro grupo social que ele tem, é a escola, então é importante que isso seja feito com muito cuidado, com muito zelo com muita responsabilidade, porque tudo que você vai fazer vai ser benefício, e isso engaja a escola e família e família-escola.
	Parceria entre escola e família	Então, pra mim, a família tem que tá presente, tem que passar as dificuldades sim, mas não jogando a responsabilidade pra escola, mas fazendo um conjunto, uma parceria entre escola e família e família e escola, a família busca na escola o que a escola pode dar.
	Promover encontros com as famílias para trabalhar o preconceito com os ANEE.	Eu acho que, no decorrer do ano, a escola poderia fazer reuniões com todos os pais, de todos os alunos, para mostrar as diferenças de crianças que existem na escola, e as necessidades que cada uma apresenta, expor isso à comunidade escolar, e essa comunidade escolar compreender as dificuldades e as necessidades desses alunos para apoiar a escola pra poder trabalhar com essas crianças. Isso facilitaria o desenvolvimento delas dentro do âmbito escolar... eu acho que todos que fazem parte do corpo docente, da escola, não só pela experiência, mas pela informação desses tipo de criança das necessidade que essas crianças têm, para que possa também cessar um pouco o preconceito, para esclarecer, tipo de deficiência que ...as deficiências que existe na escola, até para acabar com o preconceito que essas crianças sofrem pelas suas diferenças...

Participação	Promoção de espaço para integração família-escola	eu acho que a escola por ser o primeiro núcleo social que eles têm devia fazer com que os pais... porque cada um tem um nível social diferente e conhecimentos diferente, eu acho que a escola poderia ta abrindo espaço para que esses pais possam tá expondo a sua convivência, a sua experiência de vida diante dessas necessidades, de ajudar os pais a conseguirem, porque... a necessidade, o papel seria fazer a socialização desses pais, pra poder amenizar um pouco a carga, até mesmo a carga da responsabilidade que a escola recebe, entendeu? com a ajuda de informações de outros pais, debates, eu acho que seria proveitoso que a experiência de cada pai poderia tá ajudando o grupo todo e a escola de uma forma geral por que os conhecimentos poderiam resultar em um projeto pra tá trabalhando dentro da escola, uma nova visão da escola com esses pais...
Inclusão	A escola deve promover o convívio social	vai ser o benefício que você tá criando pra ele no futuro se desenvolver melhor, não só na escolaridade, mas também no meio social, porque a primeiro grupo social que ele tem, é a escola, então é importante que isso seja feito com muito cuidado, com muito zelo com muita responsabilidade, porque tudo que você vai fazer vai ser benefício, e isso engaja a escola e família e família-escola.
	Direito à igualdade	Tive um problema na Escola Parque, ... então, eu questionei... meu filho tinha direito de ir ao passeio, porque que meu filho não vai? Porquê? Sendo que ele tem um monitor só pra ele? Porque que ele não vai? Ele vai sim! E foi e se comportou super bem, e o pessoal da Escola Parque se surpreendeu com o comportamento dele.
	Estabelecimento de parcerias	a questão dos psicólogos, as questões dos psiquiatras, porque a gente tem fontes conseguir isso mais barato... eu pra mim, acho que as escolas ou a regional podia tá tendo um convênio ou fazendo um grupo junto com essas faculdades privadas que têm esse tipo de profissionais pra tá ajudando o desenvolvimento das crianças, porque ganha tanto os pais que não têm condições financeiras pra tá trabalhando com essas crianças...

Inclusão	Qualificação dos profissionais	Mas, pela falta de entendimento dos profissionais da área de educação que ele trabalhava, e,além dessa agitação causava falta de humor, oscilação e humor dele, porque, por ele não ser compreendido. na escola ele não conseguiu o apoio que ele precisava,a gente começou a trabalhar com ele dentro de casa, chegando em Brasília a gente ainda encontrou muita dificuldade, muita dificuldade pelos profissionais não estarem adequados, preparados pra trabalharem com ele dentro da escola, dentro das necessidades que ele requisitava.
Papel da escola	Nova visão da escola.	eu acho que seria proveitoso que a experiência de cada pai poderia tá ajudando o grupo todo e a escola de uma forma geral por que os conhecimentos poderiam resultar em um projeto pra tá trabalhando dentro da escola, uma nova visão da escola com esses pais...
	A escola é responsável por buscar condições para promover a aprendizagem do aluno na inclusão.	No meu caso a escola ajudou muito, porque ela não desistiu dos momentos, elas investiram, elas foram atrás, é... investiu no meu filho, muito, muito, a escola não desistiu nos momentos mais difíceis, foi em busca das condições pra que ele tivesse um bom desenvolvimento dentro da escola.
	A escola deve valer-se de projetos interventivos para o desenvolvimento integral do aluno.	meu filho aqui se tranqüilizou depois de trabalhar com jardim, a professora "C" teve a idéia do jardim, mas quer dizer...primeiro as obrigações...
	Orientar a família na busca de diagnóstico de profissionais nas diversas áreas.	a gente só começou a perceber da necessidade de estudo dele na área de saúde, depois que a gente já estava em Brasília, ele com 7 anos ... com 6 pra 7 anos de idade, entendeu, que ele começou ir na escola, a escola começou a cobrar, um...uma questão de... da área de saúde, tipo psiquiatra, psicólogo, remédio essas coisas...
	Utilização da rede de apoio	a questão dos psicólogos, as questões dos psiquiatras, porque a gente tem fontes de... de conseguir isso mais barato... eu pra mim, acho que as escolas ou a regional podia tá tendo um convênio ou fazendo um grupo junto com essas faculdades, aí, privadas que têm esse tipo de profissionais pra tá ajudando o desenvolvimento das crianças, porque ganha tanto os pais que não têm condições financeiras pra tá trabalhando com essas crianças, né, que necessita desses atendimentos, e ganha os alunos das faculdades aí que estão aí, estão aí... porque eles são um caso de estudo e os pais recebe o atendimento necessário de acordo com necessidade que eles apresentam, né...
	Responsabilidade da escola	eu sou uma mãe que busca os direitos do meu filho, corro atrás, mas também busco a responsabilidade da escola, porque se eu ofereço eu acho que a escola também tem que fazer a parte dela...